BRASILEIRO EM DOSE DUPLA

PLACAR ataca em 2002 com dois especiais: o tradicional Guia do Brasileirão e um CD-ROM com as fichas completas dos 11 065 jogos de 1971 a 2001

Já está nas bancas o mais tradicional e confiável **Guia do Campeonato Brasileiro**. São 486 fichas e fotos de jogadores, autógrafos e e-mails dos ídolos. E mais: os gols, cartões e estatísticas individuais de todos os jogadores, números que só o banco de dados PLACAR pode oferecer. Grátis tabelas com todos os jogos das Séries A e B. Por 6,90, já nas bancas!

PLACAR lança um **CD-ROM** inédito no Brasil: as 11 065 fichas completas dos jogos do Brasileiro de 1971 a 2001. Com um simples "clic" é possível descobrir todos os jogos de um determinado jogador, os confrontos de dois times, as pesquisas mais diversas. Um banco de dados com 450 mil informações armazenadas em um CD de fácil acesso. Por apenas 6,90, já nas bancas!

Fundador: VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

Presidente e Editor: ROBERTO CIVITA
Vice-Presidente e Diretor Editorial: THOMAZ SOUTO CORRÊA
Diretor Editorial Adjunto: LAURENTINO GOMES

Presidente Executivo: MAURIZIO MAURO

Vice-Presidente Comercial: CARLOS R. BERLINCK
Diretora de Publicidade Corporativa: THAIS CHEDE SOARES B. BARRETO

Diretor de Unidade de Negócio: Paulo Nogueira
Diretor de Redação: Sérgio Xavier Filho

Editor Especial: Arnaldo Ribeiro **Coordenação:** Silvano Ribeiro **Atendimento ao leitor:** Alessandra Mennel **Colaboradores:** Leandro Simões (editor), Crystian Cruz (diretor de arte), Fernando Morra (diagramador), Alexandre Battibugli (editor de fotografia) e Gisele de Oliveira (repórter).

www.placar.com.br

Apoio Editorial Depto. de Documentação: Susana Camargo **Abril Press:** Rosi Pereira **Prepress:** Susane Cruz **Publicidade: Diretor de Vendas:** Sergio Amaral **Diretor de Publicidade Regional:** Jacques Ricardo **Diretor de Publicidade Rio de Janeiro:** Paulo Renato Simões **Executivos de Negócios:** Leticia Di Lallo, Marcelo Cavalheiro, Robson Monte, Rodrigo Floriano de Toledo, Leda Costa (RJ) **Gerentes de Vendas:** Marcos Peregrina Gomez (SP), Rodolfo Garcia (RJ) **Executivos de Contas:** Carla Alves, Marcello Almeida, Marcelo Pezzato, Renata Mioli, Vlamir Aderaldo (SP) Cristiano Rygaard, Yam Gellineaud (RJ) **Coordenadora:** Cristina Pessoa (RJ) **Núcleo Abril de Publicidade Diretor de Publicidade:** Pedro Codognotto **Gerentes de Vendas:** Claudia Prado, Fernando Sabadin **Gerente de Classificados:** Francisco Raymundo Neto **Marketing e Circulação: Diretor de Marketing:** Alexandre Caldini Neto **Assistente de Produto:** Carla Feliçíssimo Soares **Gerente de Marketing Publicitário:** Érica Lemos **Promoções e Eventos:** Marina Decânio **Projetos Especiais:** Cristina Ventura, Cristiana Cardoso e Renato Dantas **Processos:** Alberto Martins e Carla Zucas **Gerente de Processos:** Renato Rozanti e Ricardo Carvalho **Gerente de Circulação Avulsas:** Ronaldo Borges Raphael **Gerente de Circulação Assinaturas:** Euvaldo Nadir Lima Júnior **Assinaturas: Diretora de Operações de Atendimento ao Consumidor:** Ana Dávolos **Diretor de Vendas:** Fernando Costa

Em São Paulo: Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 7221, 15º andar, Pinheiros, CEP 05425-902, tel.: (11) 3037-2000, fax (11) 3037-5638 **Publicidade:** (11) 3037-5000, Central-SP (11) 3037 5759 **Classificados:** 0800-132066, Grande São Paulo 3037-2700. **Escritórios e Representantes de Publicidade no Brasil: Belo Horizonte** – Av. do Contorno, 5.919 - 9º andar - Bairro do Carmo, CEP 30110-100, Vania R. Passolongo, tel.:(31) 3282-0630, fax: (31) 3282-8003 **Blumenau** – R. Florianópolis, 279 - Bairro da Velha, CEP 89036–150, M.Marchi Representações, tel.: (47) 329-3820, Fax: (47) 329-6191 **Brasília** – SCN Q. 01 Bl. C Ed. Brasília Trade Center, 14º andar sl. 1.408 Tel. 315.7554 **Campinas**– R. Conceição, 233 - 26º andar - Cj. 2613/2614, CEP 13010-916, CZ Press Com. e Representações, telefax: (19) 3233-7175 **Curitiba** – Av. Cândido de Abreu, 651 - 12º andar, Centro Cívico - CEP 80530-000, Marlene Hadid, tel.: (41) 352-2426 Fax: (41) 252-7110 **Florianópolis** – R. Manoel Isidoro da Silveira, 610, Sl 107, CEP 88062-060, Comercial Via Lagoa da Conceição, tel.: (48) 232-1617 Fax (48) 232-1782 **Fortaleza** – Av. Desembargador Moreira, 2020, sls 604/605 Aldeota - CEP 60170-002, Midiasolution Repres e Negoc em meios de Comunicação, telefax (85) 264-3939 **Goiânia** – R. 10, nº 250, Loja 2, Setor Oeste, CEP 74120-020, Middle West Representações Ltda, Tels.: 215-3274/3309, telefax: (62) 215-5158 **Joinville** – R. Dona Francisca, 260, Sl 1304, Centro, CEP 89201-250, Via Mídia Projetos Editoriais Mkt e Repres. Ltda, telefax: (47) 433-2725 **Londrina** – R. Manoel Barbosa da Fonseca Filho, 500, Jd. San Fernando, CEP86040-550, Best Seller Repres. Coml, telefax: (43) 325-9649 / 321-4885 **Porto Alegre** – Av. Carlos Gomes, 1155, sl 702, Petrópolis, CEP 90480-004, Ana Lúcia R. Figueira, tel.: (51) 3388-4166, fax: (51) 3332-2477 **Recife** – R. Ernesto de Paula Santos, 187, Sl 1201, Boa Viagem, CEP 51021-330, MultiRevistas Publicidade Ltda, telefax (81) 3327-1597 **Ribeirão Preto** – R. João Penteado, 190, CEP 14025-010, Intermídia Repres. e Publ. S/C Ltda, tel.: (16) 635-9630, telefax: (16) 635-9233 **Rio de Janeiro** – Praia de Botafogo, 501, 1º andar, Botafogo, Centro Empresarial Mourisco, CEP 22250-040, Paulo Renato L. Simões, Pabx: (21)2546-8282, tel.:(21)2546-8100, fax: (21)2546-8201 **Salvador** – Av.Tancredo Neves, 805, Sl 402, Ed.Espaço Empresarial, Pituba,CEP 41820-021, AGMN Consultoria Public. e Representação, telefax: (71) 341-4992 / 4996 / 1765 **Vitória** – Av. Rio Branco , 304, 2º andar, Loja 44, Santa Lúcia, CEP 29055-916, DU'Arte Propaganda e Marketing Ltda, telefax (27) 3325-3329 **Escritório no Exterior: Portugal - Importação Exclusiva e Comercialização:** Abril-Controljornal-Editora, Lda., Largo da Lagoa, 15C, 2795 Linda-a-Velha, tel.: (003511) 416-8700, fax: (003511) 416-8701. **Distribuição:** Deltapress-Sociedade Distribuidora de Publicações, Lda., Capa Rota, Tapada Nova, Linhó, 2710 Sintra, tel.: (003511) 924-9940, fax: (003511) 924-0429

Publicações da Editora Abril Veja: Veja, Veja São Paulo, Veja Rio, Vejas Regionais, Tudo **Negócios:** Exame, Exame SP, Você S/A, Meu Dinheiro **Jovem:** Playboy, Capricho **Abril Jr.:** Recreio, Witch, Disney, Heróis, Almanaque Abril, Guia do Estudante **Estilo:** Claudia, Nova, Nova Beleza, Elle, Vip **Turismo e Tecnologia:** Info Quatro Rodas, Superinteressante, Viagem & Turismo, Guias 4 Rodas, National Geographic **Casa e Família:** Casa Claudia, Arquitetura & Construção, Bons Fluidos, Claudia Cozinha, Saúde, Boa Forma **Alto Consumo:** Viva Mais!, Ana Maria, Contigo, Minha Novela, Manequim, Manequim Noiva **Fundação Victor Civita:** Nova Escola

PLACAR nº 1243 (ISSN 0104-1762), ano 33, é uma publicação da Editora Abril Distribuída em todo o país pela Dinap S.A. Distribuidora Nacional de Publicações, São Paulo.

Serviço ao Assinante: Grande São Paulo: 3990-2112, Demais localidades: 0800-704-2112
Para assinar: Grande São Paulo: 3990-2121, Demais localidades: 0800-701-2828

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.
Av. Otaviano Alves de Lima, 4400 CEP: 02909-900 Freg. do Ó - São Paulo - SP

ANER

Presidente e Editor: ROBERTO CIVITA
Gabinete da Presidência: JOSÉ AUGUSTO PINTO MOREIRA, MAURIZIO MAURO, THOMAZ SOUTO CORRÊA
Presidente Executivo: MAURIZIO MAURO
Vice-Presidentes: CARLOS R. BERLINCK, CESAR MONTEROSSO, GIANCARLO CIVITA, JOSÉ WILSON ARMANI PASCHOAL, VALTER PASQUINI
www.abril.com.br

SÉRGIO XAVIER FILHO
DIRETOR DE REDAÇÃO

Tesouros no armário

Ele tem 1,80 m, pesa uns 200 quilos, é largo como um armário. Está sempre no cantinho da redação, meio encostadão na parede. Sabe tudo o que aconteceu no futebol brasileiro dos últimos 32 anos e guarda lembranças de todos os ídolos dos nossos clubes. Se fosse um ser humano, mereceria toda a reverência do mundo. O nosso armário das encadernações é o maior patrimônio da PLACAR. Lá estão 1233 edições (fora os especiais) encadernadas em 128 volumes. Vivemos abrindo suas portas, tirando dúvidas ou simplesmente nos deliciando com alguma matéria que tenha marcado. Esse tesouro merecia ser dividido com mais gente. No ano passado, lançamos a "Coleção 13 clubes", contamos em 13 revistas as melhores reportagens de Flamengo, Vasco, Fluminense, Botafogo, Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Santos, Grêmio, Internacional, Cruzeiro, Atlético-MG e Bahia publicadas desde março de 1970. O enfoque nessa primeira série eram as conquistas, as reportagens que contaram os principais títulos dos clubes. Agora atacamos forte nos perfis, os grandes ídolos de cada época.

Selecionar os melhores perfis do Grêmio (e os do Inter também) foi um mergulho pessoal nos anos setenta. Lembrei-me mais especificamente das quartas-feiras, dia que a PLACAR semanal chegava nas bancas da minha Porto Alegre, dia que eu encarava a broca do dentista em troca da revista predileta. Era o truque da minha mãe, e dava certo. Eu quase nem ligava para a tortura. Os textos de Divino Fonseca e as fotos de J.B. Scalco compensavam tudo. Ancheta, Tadeu Ricci, Paulo César Caju foram alguns dos personagens da época. Depois tive o prazer de ler e, bem mais tarde, de escrever e editar textos de De León, Renato, Ronaldinho Gaúcho. E a parte boa é que aí eu não precisava mais enfrentar o dentista para ler a minha PLACAR.

Excelente marcador, Everaldo tinha no desarme a sua marca registrada. Ele chegou ao Grêmio em 1964 e, após uma breve ausência, retornou ao clube em 1966 para ficar até 1974, ano de sua morte. Foi campeão gaúcho em 1964, 66, 67 e 68. E campeão do mundo no México, em 1970.

Fique rico, seja um campeão do mundo

POR DIVINO FONSECA

ELE GANHOU UM CARRO, TEM PROMESSA DE OUTRO E RECEBEU MUITAS HOMENAGENS. MAS CAIU NA REALIDADE: MUITOS DOS QUE LHE DÃO PRESENTES QUEREM APENAS EXPLORAR SEU NOME

Ele acredita que vai ficar rico: é só o Presidente Medici liberar a concessão para que Everaldo explore a Loteria Esportiva. Pelos seus cálculos, a loja chegará a vender Cr$ 100 000 de apostas, o que lhe garantirá mensalmente uma porcentagem de Cr$ 9 000.

O campeão mundial Everaldo está aprendendo por experiência própria que, muitas vezes, quem recebe o presente está dando o dobro ou o triplo. Passadas algumas semanas da conquista da Copa, as homenagens que antes pareciam tão sinceras se revelam um simples jogo de publicidade. Por isso, ele tem muita fé na promessa do Presidente Medici.

Mas Everaldo, um homem bom e até ingênuo, já abriu os olhos e também vai querer faturar: agora, quem quiser lhe dar presentes na frente de fotógrafos ou fazer contratos para anúncios terá que conversar com um homem de sua confiança: o agente de publicidade Pereira Pontes.

O movimento não pára no apartamento 303 da Rua Jerônimo Ornelas, 28. São desconhecidos que vão abraçar Everaldo, levar-lhe doces, pequenos trabalhos manuais, pedir autógrafos. Para estes Everaldo abre seu melhor sorriso, sabe que eles são sinceros.

O telefone 23-6575 toca: são donos de lojas, boates e restaurantes convidando Everaldo para homenagens. Everaldo e sua mulher, Dona Cleci — grávida de quatro meses —, vão. No outro dia, a fotografia dos dois está nas páginas de todos os jornais de Porto Alegre.

— Eu não quero ser antipático com ninguém. Por isso, a partir de agora, quem vai tratar dessas coisas é o meu agente de publicidade.

Everaldo acha que tomou tal decisão muito tarde. Se tivesse feito isso antes, ninguém teria aumentado vendas à sua custa, ele já teria ganho um bom dinheiro e agora não teria apenas um contrato de publicidade, com uma fábrica de brinquedos.

— Existe alguém mais simpático que Pelé? E ninguém faz publicidade grátis com ele.

Em 1964, Pelé foi a Porto Alegre, com o Santos. O Internacional, que estava na campanha da construção do Beira-Rio, ofereceu-lhe um título de sócio patrimonial no valor de Cr$ 3 000. Pelé não aceitou, propôs Cr$ 2 000 para aceitar o título. Nem por isso alguém deixou de gostar dele no Rio Grande do Sul.

Everaldo ganhou a Bola de Prata de PLACAR em 1970, ano em que o prêmio foi instituído

Mas Everaldo aprendeu bem a lição nestes dias de euforia. Não pretende abrir exceção. A companhia encarregada da promoção do "Grêmio-70" fez anúncios na base do "Ganhe um carro comprando um título patrimonial do clube de Everaldo, um tricampeão".

— Vou estudar esse caso com muito carinho. Afinal de contas, quem faz o anúncio é a companhia, não o Grêmio.

Everaldo explica sua posição e vai para o quarto escrever. Everaldo Marques da Silva é o mais novo cronista esportivo de Porto Alegre: ganha Cr$ 100 por artigo para o jornal *Zero Hora*, contando "seus caminhos na Copa". Vai ganhar Cr$ 3 000 pela série de 30 artigos.

Carros e medalhas

Em Brasília, na recepção oferecida pelo Presidente Medici aos jogadores, Everaldo recebeu seu mais valioso presente: um cheque de Cr$ 25 000 e uma caderneta de poupança no valor de Cr$ 5 000.

Na sua chegada a Porto Alegre, recebeu outro ótimo presente: um Dodge Dart e o seguro do carro. Vai ganhar outro automóvel, do povo paulista.

Mais presentes: um relógio, um televisor, um aspirador de pó, uma bandeja de prata, uma placa de bronze, uma chuteira de bronze e 18 pares de sapatos (quando visitou a Feira Nacional do Calçado, em Nova Hamburgo), uma taça prateada e 20 garrafas de vinho (quando visitou a Festa Nacional do Vinho, em Bento Gonçalves), três ternos, um troféu da TV Piratini e um título de sócio honorário da Federação Gaúcha de Futebol, que lhe dá direito de entrar em qualquer estádio do Brasil, e muitas medalhas.

Ganhou também uma máquina de lavar roupa — que até agora não recebeu.

"Eu não quero ser antipático com ninguém. Por isso, a partir de agora, quem vai tratar dessas coisas é o meu agente de publicidade"

O começo no Grêmio foi difícil para Ancheta, que fez um mau contrato e estranhou nosso estilo. Mas ele se impôs com sua boa técnica e liderança. O gringo ficou no Grêmio de 1971 a 80 e conquistou os Campeonatos Gaúchos de 1977, 79 e 80.

"Agora estou em paz"

Depois de algumas dificuldades, Ancheta se firmou como ídolo

CONTRATADO COMO UM DOS MELHORES DO MUNDO, ANCHETA NÃO FAZIA MUITO PARA JUSTIFICAR A FAMA. NINGUÉM SABIA, MAS ELE TINHA SEUS PROBLEMAS

POR DIVINO FONSECA

Enfim, Ancheta está encontrando a paz. Dois anos depois de deixar o seu Uruguai, ele vê realizar-se tudo aquilo que sonhou: dinheiro, grandes vitórias, vida particular tranqüila e o reconhecimento unânime de que está entre os melhores zagueiros centrais do mundo.

Até chegar a isso, porém, Atílio Genaro Ancheta, 25 anos, teve de vencer muitos equívocos e dificuldades. Primeiro, foi o mau contrato, assinado sem comparação real entre os custos de vida uruguaio e brasileiro; depois, a instabilidade de um time em busca de seu caminho — terrível para um uruguaio com espírito de vencedor; para complicar, as doenças, a saudade, o isolamento; e, por cima de tudo, a fama de grande jogador da Copa de 1970, de beque-central da Seleção da FIFA em 1971, cada vez se afastando mais. Tudo saía errado — as más fases e as inevitáveis comparações com Figueroa.

Não foi fácil, mas Ancheta conseguiu. Na estante da sala de seu apartamento estão três troféus de melhor em campo, recebidos de uma mesma emissora de televisão, e recordações de todas as cidades em que esteve durante o campeonato. Meio-dia de quarta-feira da semana passada, Ancheta aparece na sala, sorridente e vestindo um roupão colorido. Pede mil desculpas.

— Passei o dia de ontem resolvendo negócios. À noite, estava assinando a compra de um apartamento. É o primeiro de uma série, espero.

Sorri mais quando se pede que fale sobre seus contratos.

— Para sábado agora, dia 10, está marcada a inauguração do meu posto de gasolina.

Más lembranças

— Além disso, o novo contrato com o Grêmio é compensador, bem melhor do que o primeiro. Eu e minha mulher, Edith, nos reunimos numa sala com os dirigentes e depois de alguns minutos saímos pensando que tínhamos feito um bom negócio; mas, já na saída, algumas pessoas nos advertiram que aquilo não era bom. Eram Cr$ 6 200 mensais, o equivalente a 1 000 dólares, que valeriam muito no Uruguai, mas não aqui. Mas na vida, há coisas mais importantes que o dinheiro.

Uma delas é ganhar jogos e títulos — e títulos é uma coisa que Ancheta só conseguiu no Nacional, de Montevidéu. De repente, olha para o teto e começa a lembrar de seus ex-companheiros.

— Montero Castillo, Cubilla, Brunel, Artime, Espárrago, Manga. Eram todos craques, tchê, craques. Jogavam por música.

Volta à realidade e começa a comparar o Grêmio com o Palmeiras.

— O time de Brandão é, sem dúvida, o mais brilhante deste campeonato, um conjunto espetacular. E sabe por que eu confio no Grêmio? Porque o Froner está fazendo o mesmo trabalho do Brandão. Cada jogador cumpre a sua função, sem loucuras nem enfeites, e daí sai o conjunto.

Novos craques

— Sabe, me sinto ótimo, feliz mesmo, disputando o Campeonato Brasileiro. Vou conhecendo novas terras e jogadores e estou surpreso com o bom nível dos times; cada um tem no mínimo um bom jogador.

A boa disposição do Ancheta de hoje contrasta com a tristeza dos primeiros tempos. Edith não esquece de nada:

— No primeiro dia, saímos do Grêmio, fomos para o hotel e começamos a chorar. Uma saudade antecipada.

Longe dos pais

Não era tanto a saudade dos pais, que afinal sempre moraram em Florida, no interior do Uruguai, mas dos bons amigos do Nacional. Nos primeiros três meses, Ancheta viajava quase todas as semanas para revê-los.

— Eu estranhava tudo, ambiente, estilo de jogo e, além do mais, não tinha amigos. Meu único consolo era o apoio da torcida.

Aos poucos, os amigos foram surgindo, oferecendo outros programas que não o de ficar em casa.

— Tanto que depois de algum tempo, quando aparecia uma folga, a gente nem queria saber de ir a Montevidéu — diz Edith, rindo.

Então, começaram as doenças. Gabriela passou meses com a garganta incomodando. Ancheta tinha cálculos renais e teve de fazer um longo tratamento enquanto jogava. Entrava em campo com dores, indo todo encurvado no centroavante e levando dribles inconcebíveis para um jogador de sua categoria. Continuava jogando porque tinha sede de vitórias.

— Mas o pior de tudo era a ginástica. Quero confessar uma coisa: perto da ginástica que os clubes brasileiros dão, a dos uruguaios é uma piada. Mas, às vezes, há exagero. Sabe o que é sair arrasado da ginástica e, em campo, não ter nem forças para se antecipar a um atacante? Era o que acontecia comigo no ano passado, mas não seria eu quem iria protestar. O que me mandam fazer, eu cumpro. Por isso agradeço ao Beno Becker e ao Mário Dörnt, então os preparadores físicos do Grêmio. Eles souberam compreender o meu caso. Agora, sou outro jogador, ou melhor, aquele jogador da Copa do México.

FOTOS J.B. SCALCO

"No primeiro dia, saímos do Grêmio, fomos para o hotel e começamos a chorar. Era uma saudade antecipada." ANCHETA

Tudo a favor

Embora reconheça a importância da ginástica em sua recuperação, não esquece a parte tática.

— A fixação do Carlos Alberto ali na frente dos beques foi a volta ao bom-senso. Se os atacantes vêm livres com a bola, não vão deixar de passar só porque eu sou o Cheta e o Reto é o Reto. Todo time joga com um centromédio dando o primeiro combate.

— Quer uma opinião? Parte da irregularidade do Internacional no primeiro turno se deveu à ausência de Carbone. Falcão é ótimo, mas ainda não tem a experiência de Carbone, que equilibrava o time. Eu fiquei satisfeito com a saída dele, assim é melhor para o Grêmio. Mas a verdade deve ser dita: o Inter fez uma loucura.

Conhecimentos

Hesita um pouco quando se pede para ele falar em sua luta com atacantes brasileiros, mas logo se solta, demonstrando total conhecimento.

— Tem sido difícil porque os estilos são muitos. Um beque não pode entrar num campo do Brasil pensando "eu vou marcar assim porque os atacantes daqui jogam de tal maneira". Não se pode tentar antecipar-se a um atacante como Dario. Ele vai ganhar todas do beque só no corpo. Assim, o jeito é deixá-lo dominar a bola e tentar tirá-la, vencendo-o na velocidade. Agora, se é como o Edu, o beque tem que tratar de tirar logo, senão não vê nunca mais a bola. E há os Rivelinos, não? Estes são o contrário do Dario: se o beque não se antecipa, é driblado.

O sucesso de Ancheta diante desses atacantes é um fato incontestável. Seu futebol eficiente e bonito, agora praticado em toda plenitude, lhe dá um destaque que ainda não havia conseguido nesses dois anos de Brasil. Além disso, o dinheiro está entrando, a família vai bem obrigado e o Grêmio está bonito na briga.

— Agora, está tudo como eu queria. Já realizei muitos sonhos, agora consegui mais um: ser campeão brasileiro. ○

Da Seleção Argentina, o Grêmio contratou um novo ídolo. Com seu jogo veloz e de dribles imprevisíveis, Ortiz conquistou rapidamente a torcida tricolor. Quando chegou ao Grêmio, tinha em mente uma missão: acabar com a hegemonia do Internacional em terras gaúchas.

Apesar de craque, Ortiz era um desencantado com o futebol e procurava manter os olhos abertos

Tristeza em nome da alegria

JOVEM, COM MUITA PERSONALIDADE, ORTIZ ANALISA O MUNDO DO FUTEBOL, OS DIRIGENTES, TÉCNICOS E TORCIDA DE UMA MANEIRA MUITO PESSOAL: FRANCA E DESENCANTADA

POR DIVINO FONSECA

Corpo franzino, de 1,73m, os cabelos pretos caídos sobre os olhos, como um índio, dão-lhe a aparência de um garoto esperto. O jogo veloz, leve, cheio de dribles imprevisíveis, que geralmente culmina com a chegada fácil à linha de fundo e o cruzamento para trás, é daqueles que as pessoas logo tendem a chamar de "alegre".

No entanto, nada mais perigoso do que tentar achar semelhança entre o estilo do ponta esquerda Ortiz e o homem Oscar Alberto Ortiz, que o Grêmio contratou no início do mês ao San Lorenzo de Almagro.

Apesar da aparência juvenil e do futebol — vá lá — alegre, esse argentino de Chacabuco, província de Buenos Aires, revela-se, no bate-papo mais demorado, um homem precocemente amadurecido. Mais que isso: triste, definitivamente desencantado com o mundo do futebol.

O que são os dirigentes? Com raríssimas exceções, são homens interessados apenas em sua promoção pessoal, homens que tratam o jogador como simples objeto. Os técnicos? Figuras, em geral, excessivamente louvadas, que pouco ou nada são capazes de produzir sem jogadores talentosos. Os elogios da imprensa ou dos torcedores não devem ser levados a sério, pois à primeira fase má o astro estará sendo execrado. O futebol de hoje? Infelizmente afasta-se cada vez mais do ideal de espetáculo que deveria perseguir.

À medida que vai se descontraindo, percebe-se que se está diante de um raro personagem, cuja única relação com o futebol são os 90 minutos do jogo.

— Sim, futebol é uma coisa muito triste. Quando eu era menino, tinha uma idéia muito romântica do futebol. Em minha ingenuidade, achava que esse jogo deveria ser assim como no palco. Algo em que cada um procuraria mostrar para o público o melhor de si mesmo. Mas não é assim, e até hoje não me conformo que não seja. Sou um frustrado. Ou é o dirigente que tenta enganar, ou é o técnico querendo modificar o seu estilo, o público que exige vitórias e mais vitórias. Um mundo tão enganoso, que muitos astros — eu vi, ninguém me contou — acabaram tão miseráveis como iniciaram. Por isso, sou um sujeito curtido, que não vê encanto em nada que não seja o jogo em si.

Uma coisa é certa: sempre encarou a profissão com a máxima seriedade. Segundo conta, foi com amor que enfrentou o convite de emissário do San Lorenzo para separar-se do pai comerciário, da mãe amorosa e dos três irmãos.

Tinha 15 anos e via Buenos Aires como uma cidade cheia de perigos. Sua vida, até casar, com 21 anos, resumia-se a ir do estádio para a pensão, tudo ali em Caballito. Tinha poucas companhias — só as boas.

Tanta aplicação — afora o seu talento — só poderia resultar em sucesso na carreira. Aos 17 anos, já estava promovido ao time principal, entrando num jogo, saindo em outro. Aos 19, depois de integrar a Seleção Juvenil, ganhou definitivamente a posição. Tornava-se um ídolo.

"Futebol é uma coisa triste. Ou é o dirigente que tenta enganar, ou é o técnico querendo modificar seu estilo" ORTIZ

— Mas só fui ficar satisfeito comigo mesmo em 1975. Alguns críticos acham que meu melhor ano foi 1974, mas penso que apenas porque o San Lorenzo foi o campeão; 1975 foi o ano em que me descobri fazendo as coisas certas, amaciar o jogo, dar ao adversário a impressão que não se quer mais nada e, então, atacar de surpresa. Isso é experiência.

No entanto, na própria Argentina — a terra do drible a mais —, já se ouviram críticas a um certo exagero do pibe em suas jogadas vistosas.

Faz uma cara de quem talvez concorde, talvez não.

— Eu não posso deixar de driblar. Olha, se o zagueiro vem em mim e eu passo a bola, ele vai pensar o quê? Que esse tipo aí não joga nada. E se enche de moral. O drible tem a propriedade de desmoralizar o zagueiro, de deixá-lo inseguro, e isso, de certa forma, é benéfico para a equipe.

Seus dribles têm-lhe valido, além das críticas, algumas boas sarrafadas nas canelas. E ele já pôde notar, em sua primeira semana em ação no Rio Grande do Sul, que os beques do interior nada ficam a dever a seus semelhantes argentinos. O que, obviamente, o irrita.

J.B. SCALCO

Cabeludo de jogo veloz e leve, o ponta-esquerda argentino Ortiz encantou a torcida tricolor

— Não refugo o jogo duro nem uma certa violência, desde que justificada, como nos clássicos. Mas o que vi no meu primeiro jogo é que aqui se usa a violência como recurso. Está certo, o futebol já está muito longe do que deveria ser, mas não posso entrar disposto a inutilizar um colega. Sim, tem razão o alemão Schön quando diz que o brasileiro não sabe ser duro sem ser violento.

Passa a falar do Grêmio com sinceridade.

— Tem equilíbrio, joga conscientemente. Dizem que jogava de outra forma, não sei. Mas a atual me agradou, embora alguns reclamem de uma certa lentidão. Ora, lentidão. Isso não chega a ser um defeito, desde que o jogador saiba a hora certa de largar a bola. Falo isso porque na minha terra há jogadores assim que pensam, pensam, e de repente soltam um grande passe.

— Do que se pode reclamar? Mas eu já sabia, antes de vir, que aqui se vive um drama muito grande. Que nada do que está dando certo terá valor se não derrubarmos o Inter. É assim o futebol, sempre está cercado por um drama, não?

Suas considerações sobre a maneira de o time jogar não vêm com a intenção de se intrometer na área de Paulo Lumumba, de quem diz gostar por ser "um bom sujeito". Aliás, divide os técnicos em "bons sujeitos" e "organizadores", sendo os primeiros os que respeitam o estilo dos jogadores, e os segundos os que prezam suas táticas acima de tudo.

— Enfim, como em tudo é preciso haver um chefe...

No Grêmio, pelo menos por enquanto, Ortiz não tem tido motivos para queixas. Lumumba dá a mais completa liberdade de ação. Os elogios chovem de todos os lados. A torcida está achando que Rattinoff estava sendo pessimista quando disse que Ortiz "vai" ser o melhor ponta-esquerda do mundo.

Mas quem diz que isso pode devolver-lhe o encanto pelo mundo do futebol?

- Futebol é uma coisa muito triste — repete com autoridade de quem até agora só conheceu o sucesso mas conservou os olhos bem abertos.

Soa meio argentino, mas ele deve saber o que diz.

— Amanhã podem lhe virar a cara.

André Catimba deu ao Grêmio o gol do título de 1977, acabando com a hegemonia do Internacional que acumulava títulos desde 1969. E provou que, apesar das confusões que criava, era um artilheiro diferente: via o jogo com fria malícia e se movimentava como poucos.

Esquentado e briguento, André mostra, orgulhoso, a faixa do título estadual de 1977: fim do jejum

Com os olhos de um bandido

ANTES, A VIOLÊNCIA, A OBSESSÃO PELO GOL, A MÁ FAMA. AGORA, O MESMO INSTINTO, MAS COM UM TOQUE DE DISCIPLINA. O BANDIDO ANDRÉ SÓ METE MEDO NOS BEQUES POR DIVINO FONSECA

André recebe o passe de Iúra na entrada da área, pela meia-esquerda, e arranca. Percebe que Benítez, ao sair, espera um chute de esquerda, cruzado e rasteiro. Chuta de direita, reto no ângulo.

Era o gol do título. André sentiu que não havia mais volta. Por muitos anos, ele seria lembrado como o símbolo da campanha do Grêmio no Campeonato Gaúcho de 1977, como o artista que deu o último retoque.

Aos 29 anos, esse baiano de Salvador já aprendeu a encarar as coisas incompletas com bem-humorada disposição. Como, por exemplo, a sua esquisita participação no jogo da glória. Ou como a imagem que o marcou no futebol brasileiro.

André, tão logo seu nome é citado, é lembrado como o bandido esquentadinho, o criador de casos, o brigão. Poucos são os que deixam esses atributos em segundo plano para lhe elogiar a frieza com que busca na grande área, a capacidade para as tabelas, a arrancada, a visão para os passes, o chute malicioso. João Saldanha é um desses raros. Quando o Grêmio contratou André, o gremista João falou na hora: "Acertaram". E acrescentou que se tratava de um centroavante de primeira categoria, um centroavante que já havia somado méritos para chegar à Seleção. E só depois Saldanha ponderou que André tinha um gênio difícil, que era um cara que as pessoas precisavam saber levar.

André nunca foi lembrado, para valer, para a Seleção e ficou o bandido.

— Será pela minha cara?

O espelho do carro mostra um sujeito com os cabelos crespos amarelados, os olhos gateados, a pele queimada, dentes postiços.

— Não pode ser. Minhas crianças, quando me vêem, vêm correndo me beijar.

E cai na gargalhada. Para ele, essa história já está tão manjada que só merece risos. Apesar de tudo, não se importa de repetir: se dá bem com todo mundo, brinca com o presidente do clube, Hélio Dourado, entra quando quer na secretaria, mexe com os funcionários.

— Sou um sujeito benquisto, cara. E isso me importa muito — saber que as pessoas que me conhecem me querem bem. Me dá força para enfrentar a fama.

Há pouco, quando batia bola com Oberdã na sala de musculação, lhe dirigia afetuosos palavrões. Experimentando o novo uniforme de viagens do clube com o alfaiate Reis, na sala de imprensa, fez uma brincadeira para os repórteres: "A última vez que comprei um terno com o meu dinheiro foi quando me casaram". Vestiu sua própria roupa — camisa gola rolê cinza, calça amarela e incríveis sapatos verdes — e saiu com seu andar gingado.

Passou Cassiá e brincou:

— Fala, Jacaré.

O apelido não se refere à loquacidade de André. Mas quando ele ri a boca quase chega às orelhas. Um bom apelido, sem dúvida — o toque final à perfeita imagem física do bandido.

Sabe o que se passa em tudo isso?

A resposta está pronta:

— Transferiram para fora o que eu sou dentro do campo. Sei que sou terrível lá dentro. Lá, eu sou mesmo mais eu, e luto pelos meus direitos. Recebo, fico nervoso, devolvo, discuto. Ficam achando que eu sou assim aqui fora. Mas aqui fora eu sou como o outro André lá de dentro. O cara frio, paciencioso, que fica esperando o momento de fazer o gol, o cara que não é egoísta, que, vendo o companheiro mais bem colocado para marcar o gol, não hesita em passar a bola. Se me julgar errado, é uma pena, mas não vou mudar.

Verdade que já brigou muito por esses campos afora, ainda que "sempre defendendo o leite das crianças" (que hoje são três: Andréa, 5 anos, André, 3, Ana Paula, 1). Mas, depois de tanto levar pela cabeça, diz que aprendeu uma lição: não discute mais com juízes.

— Sabia que, assim como torcedores, eles gostam de provocar jogadores com a minha imagem? Em São Paulo, embarquei duas vezes nessa canoa. Aqui, num jogo em Bento Gonçalves, contra o Esportivo, o José Cavalheiro de Morais fez tantas que o Telê teve que me substituir para evitar minha expulsão. Era fácil expulsar o André, meu chapa. Agora não. Agora eles provocam um surdo.

É possível que esteja exagerando. Santo não é, já se viu. Mas não seria justamente aí, na alma de bandido, que André vai buscar a malícia para o seu fute-

OLÍVIO LAMAS

Comemoração do gol na final de 1977: foi tomar impulso para o mortal, distendeu o músculo da perna, caiu de peito e foi subsituído. Mas a festa já estava feita

bol? O bandido não estaria de tal maneira associado ao atacante, a ponto de este não sobreviver sem aquele? É um mau-caráter, mas para os adversários. Ficou mais de mês sem marcar gols, os beques afrouxando na marcação, acreditando que ele não merecia cuidados — e ele passando sorrateiramente bolas para os companheiros. Na decisão, cometeu a perfídia de marcar o gol quando ninguém mais esperava isso dele.

Talvez merecesse mesmo a punição: sair todo quebrado. Depois da frustrada tentativa de um salto mortal.

Iúra se aproxima e, sério, cara a cara com André, faz o elogio do companheiro:

— Ele é o melhor centroavante com que já joguei. O Tarciso não era centroavante. Pegava a bola e virava as costas para os outros. O Alcindo é do tipo fixo, que só fica ali, que um dia pode fazer cinco gols e, depois, passar um mês sem marcar. Este cara aqui, não. Ele é inteligente. Com ele nunca acontece de dizerem depois que ficou isolado entre os beques, sem chance de aparecer. Não é assim que vocês escrevem? Também não acontece mais de nós, meias, subirmos e não encontrarmos com quem tabelar. Foi o André que deu esse algo mais ao time, esse equilíbrio.

André ouve tudo muito compenetrado. Não agradece.

Orgulha-se de ser da raça dos artilheiros. Lembra que foi o atacante paulista que mais fez gols — 11 — no Campeonato Brasileiro do ano passado. Acha que poderia ter feito mais gols no Campeonato Gaúcho, se o esquema do Grêmio fosse igual ao do Guarani. Mas, revelando-se daqueles artilheiros que sentem a beleza do jogo em conjunto, diz que está bom assim.

"Ele é o melhor centroavante com que joguei. Ele é inteligente. Com ele nunca acontece de dizerem que ficou isolado"
IÚRA, ELOGIANDO ANDRÉ

— É mais gostoso do que nos outros times. Quando o centroavante não fazia, não saía gol. Aqui, todos se sentem na obrigação de fazer.

O que não significa que vá deixar de procurar as redes adversárias com a antiga intensidade. Pelo contrário.

— E já aproveito para desfazer uma promessa. Eu tinha dito que nunca mais ia comemorar gol com salto mortal. Estava p... da cara naquele dia. Negócio seguinte: no próximo gol que eu marcar, vou correr para o meio do campo e dar três saltos mortais.

Oberdã só pensava em encerrar a carreira quando, aos 32 anos, foi chamado por Telê Santana para comandar o Grêmio e tentar interromper as conquistas do rival Internacional. Pois ele atendeu ao chamado do mestre e ajudou o tricolor a conquistar o Campeonato Gaúcho de 1977.

Um velho que promete

OBERDÃ AJUDA A CRIAR UMA NOVA IMAGEM DO GRÊMIO: A DE TIME QUE BRIGA, QUE NÃO ENFEITA. ELE ANIMA A TORCIDA, AO GARANTIR: O GRÊMIO VAI SER CAMPEÃO

POR ROBERTO APPEL

Tânia Regina tem confessado: ela odeia futebol, e seu marido não precisa mais dele para se afirmar ou para sobreviver. Conseguiu tudo na longa carreira por Santos e Coritiba; além disso, deve mesmo parar, pois seus negócios exigem um comando cada vez mais próximo.

São idéias compreensíveis, da parte de quem quer finalmente a companhia mais permanente do marido, junto a ela e aos dois filhos. Mas como fazer participarem desse sentimento a direção e a torcida do Grêmio, se Oberdã Nazareno Vilain se transformou, aos 32 anos, num novo símbolo do time e do clube?

Com Oberdã, é o time envolvente, decidido. Sem ele, é a timidez, a preocupação com a zaga, porque os reservas não o substituem à altura, porque ninguém assume a sua liderança.

Hora da verdade

Dele, o Grêmio não esperava tanto. Oberdã abandonara o futebol em outubro de 1976, rompendo o contrato com o Coritiba. Estava parado há três meses, quando apareceram o técnico Telê Santana e o diretor Nélson Olmedo, que o convenceram a voltar. O Grêmio — explicaram — queria jogadores experientes, para acabar com a trajetória do Inter, oito vezes campeão.

— Topei, porque foram sinceros comigo. E estabeleceram uma escala de valores que me agradou, ao dizerem que lhes interessava meu nível moral, mais que o nível técnico. Naquele momento, já tendo pendurado as chuteiras, era o que eu esperava ouvir.

Com contrato assinado por um ano, Oberdã trouxe ao Grêmio muito mais do que se exigia inicialmente dele.

Primeiro: deu segurança à defesa. Com Ancheta e Beto Fuscão, era uma beleza perigosa. Os dois tinham estilos parecidos — e Beto gostava do toque bonito, do drible dentro da área, da jogada de efeito. A tal ponto que criou uma imagem negativa junto à torcida, que acabou por pedir sua cabeça. Com Oberdã, não há brinquedo: joga feio quando é preciso, dá bicos se for o caso, chutões para o lado se duvidarem; mas na área manda o seu 1,80 m de altura, dominando pelo alto, ganhando as cabeçadas. Melhor de tudo: neutralizando assim a sopa que habitualmente Escurinho encontrava nas decisões.

— Só me arrependo de não ter vindo antes — diz agora. — Lamento não ter passado por aqui há mais tempo para acabar com a história do Inter.

Azar não dura oito anos, comenta Oberdã. E cita os "fortes motivos" que sustentam sua convicção de que há um título a vista:

— Havia uma crise emocional. Mas a nova filosofia posta em prática pela diretoria — que preferiu jogadores com vergonha na cara — foi fundamental. No Grêmio há um tratamento humano, decente, igual para todos os que trabalham dentro do espírito instituído.

Segundo: além de dar segurança à defesa, a vinda de Oberdã completou a formação de elemento humano para que se pudesse adotar a marcação por pressão, usada já pelo Inter. Com ele — mais Eurico, Ladinho e Tadeu Ricci, todos passados dos 30 anos, todos afinados com essa filosofia combativa —, tornou-se possível montar um esquema que não dá descanso ao adversário, que o mata no cansaço se for preciso.

— Ninguém tem obrigação de jogar bem; de tentar, sim. De lutar, guerrear. Pela bola, pelo gol, pela vitória. Há momentos em que nada dá certo para um jogador. Mas ele não pode desanimar, deixar seu setor livre para as investidas do adversário. Hoje, ninguém se esconde da bola quando a partida está difícil. Ancheta já observara, um mês atrás, que o problema da desunião estava inteiramente superado. Oberdã confirma. Lembra que essa união talvez fosse privilégio do Inter — um time que, sem Paulo César e sem Figueroa, sustentou ao menos o velho espírito.

— Pois nós também estamos assim. No começo ninguém imaginava que isso fosse acontecer. Diziam que o Grêmio estava contratando veteranos, enquanto o rival comprava grandes nomes. E deu resultado, porque todos têm moral, vergonha na cara. E disso o Grêmio precisava.

Terceiro: com Oberdã, cresceu muito, tecnicamente, o futebol de Ancheta. Ao lado do uruguaio, está alguém que se impõe — pondo ordem, mostrando coragem, até abrindo os olhos dos juízes. E ajudando a liderar, a comandar o time.

Um novo estilo

Oberdã-Ancheta-Oberdã: uma corrente de elogios mútuos. Diz o velho Oberdã:

— Sempre achei Ancheta um injustiçado, pelas comparações com Figueroa. Figueroa entrou num time ganhador, An-

OLÍVIO LAMAS

Telê Santana foi buscar na experiência de Oberdã a segurança que o time do Grêmio precisava

cheta num perdedor. Se acontecesse o contrário, as glórias seriam todas para Ancheta. E tem mais: confesso que nunca vi um sujeito com tanta garra em campo.

Diz o uruguaio:

— Com Oberdã, sinto uma segurança que não existia antes.

Quarto: Oberdã conseguiu influenciar até o estilo da arbitragem. Pediu — e conseguiu — que os juízes se colocassem melhor no momento da cobrança de escanteios. A partir daí, vários pênaltis — que de outro modo passariam despercebidos — foram assinalados. Ele explica:

É problema sério. O juiz fica encostado junto ao poste de gol, na linha de fundo. E não enxerga quando a gente, ao tentar a cabeçada, leva empurrões, pontapés, socos.

Todas essas virtudes, somadas, dão a dimensão da importância desse jogador. Mas quem, além da direção do Grêmio, acreditaria em tamanha influência de Oberdã? Poucos. O próprio Oberdã explica que, no Santos, era difícil destacar-se. Houve as incursões pelo Coritiba, onde foi inegavelmente útil — mas o time paranaense não tinha aquela força para dar dimensão nacional a um jogador.

Era preciso saber ver. Como Telê viu. E contar com outros fatores: trazer veteranos, mas veteranos que não tremem; que seguramente não se assustariam com o vermelho do Inter.

Veio Oberdã. Ficará até quando? Dá a entender que, se o título não vier, vai logo para Florianópolis. Campeão, talvez fique. De qualquer modo, o diretor Nélson Olmedo já vai fazendo o cerco, em busca de novo contrato.

Mas há problemas. A Floramel, 400 toneladas por safra, 450 apicultores ligados à empresa, perspectiva de exportação para Alemanha e Estados Unidos, exigiria a presença de Oberdã. Há Tânia Regina querendo o marido com mais tempo para a família. Enfim, há a dúvida: qual será a oferta do Grêmio na hora da renovação.

Semana passada, sempre com a distensão preocupando, entrou em campo contra o Pelotas mais em busca do cartão amarelo que completasse a série, que o liberasse para o Gre-Nal. Ganhou o cartão — e marcou o primeiro gol da partida.

Terá tempo para se recuperar. E garante:

— Do Gre-Nal não fico fora de jeito algum. Nem que jogue como o Saci, com uma perna só. Vim para o Grêmio para uma coisa só: acabar com a supremacia do Inter. Vou conseguir.

"Só me arrependo de não ter vindo antes. Lamento não ter passado aqui há mais tempo para acabar com a história do Inter"

Oberdã em campo: defesa do Grêmio mais segura

Com seu temperamento explosivo, Éder, em menos de um ano, colecionou duas expulsões e incontáveis cartões no Grêmio. Mas seu talento com a bola nos pés não foi apagado pelos problemas que arrumava em campo. E isso era o mais importante para a torcida gremista.

Um gênio impossível

EXISTEM AS INJUSTIÇAS DAS ARBITRAGENS. MAS EXISTE, TAMBÉM, O DESABAFO SINCERO: "ANTES DO JOGO, EU PROMETO QUE NÃO VOU ME ESQUENTAR. QUANDO VEJO, ESTOU LÁ, TRANSTORNADO"

POR DIVINO FONSECA, SÉRGIO A. CARVALHO, ANÍBAL CRISTIANO PENNA

— Não acho que o Coutinho vá convocar um jogador temperamental. Antes, o Éder precisa vencer um desafio, que é saber se dominar. Mostrar o jogo, que era o mais fácil, ele já conseguiu.

Um certo ar de preocupação, desilusão, irritação. José Aleixo de Assis, o seu José, mecânico, dono de bar, respeitável chefe de família, dá a exata medida de sua contrariedade quando desabafa, enchendo os pulmões de revolta:

— Nos 17 anos que defendi o gol do Asas, de Sete Lagoas, nunca fui expulso. Nunca.

Decididamente, Éder não puxou pelo pai. Severo, de longe, e com a mesma reprovação de tempos atrás, seu José acompanha a evolução do filho no Grêmio. Contrariado. Por isso, não crê na Seleção e se amargura quando relembra que, muitas vezes, tentou conversar com o filho para ver se ele conseguia dominar seus impulsos. Inutilmente.

— O Éder? É um provocador, um irresponsável... — condenam os jogadores do Internacional.

— O Éder? Que pena, um jogador tão bom... — lamentam os torcedores mais isentos.

Dona Zilda é outro gênio. Não procura justificar o comportamento do filho, mas, pelo menos, faz um esforço imenso para compreendê-lo. E volta a Vespasiano de alguns anos atrás para contar dois fatos acontecidos na infância de Éder que podem ter contribuído para a formação de seu temperamento irrequieto.

Um deles, ela relata diante dos olhares rigorosos do marido, foi a alergia que o acometeu quando Éder tinha menos de 5 anos. A alergia o incomodava bastante, dona Zilda se desesperou. Trocou de especialista várias vezes. E a cura só aconteceu sete anos depois.

— Por causa da doença, eu tive que dar muita assistência a ele. Ficou muito apegado a mim. O José até dizia que eu mimava o Éder demais.

Outra influência remota teria sido, segundo dona Zilda, a enchente que

ocorreu em Vespasiano, em 1962, quando Éder atravessava, também, seus 5 anos de idade. O temporal provocou o maior pânico na cidade. Éder foi posto sobre uma janela enquanto seus pais, em desespero, tentavam salvar os móveis da casa, empilhando-os no quarto.

— De repente, ouvi aqueles gritos desesperados. Havia uma imensa cobra na frente dele. Desde aí, ele passou a sofrer de insônia, sonambulismo e muitas vezes acordava gritando. Sabe, acho que essas coisas marcam uma pessoa para a vida toda.

Marcaram? Éder garante que a marcação é outra. Dos juízes. E queixa-se:

— Claro que estou marcado. Eles entram em campo ameaçando: "Já te conheço". Querem que eu jogue com medo.

Esse tipo de marcação chega a Vespasiano e arranca do apreensivo seu José, outra indignação:

— É. Ele já está marcado pelos juízes. Esse último cartão, por exemplo. Ele nunca cometeu falta. Pelo contrário. O beque até agarrou o pé dele. Mas continuo achando que é ele quem tem de desfazer a má fama.

A briga de Telê

Éder acabou deixando os estudos, aos 13 anos. E, no América, os problemas só terminariam este ano, com a sua venda ao Grêmio. No clube, perguntava-se por que era expulso tantas vezes e por que uma atuação como aquela do ano passado, quando transformou uma derrota de 2 x 0 para o Uberaba em sensacionais 3 x 2, não se repetiam com tanta freqüência.

A resposta, que serviu para a época, era o seu desejo de ser vendido para um clube maior. Porém, as expulsões e os cartões amarelos continuaram. Se é verdade que fez esquecer Ortiz, Nenê, Loivo, Volmir, Vieira e outros, é provável, também, que gremista algum não recorde de ter torcido por jogador tão temperamental.

Antes de ter alcançado a média de um cartão a cada dois jogos no Brasileiro, Éder, durante o Campeonato Gaúcho, havia recebido inúmeros outros e sido expulso duas vezes. Na primeira, correu aos gritos e deu uma peitada no juiz, que deixara de expulsar um jogador do Inter por uma falta violenta. Pegou três jogos de gancho. Na segunda, também um Gre-Nal, iniciou um quebra-pau generalizado, ao acertar um soco no olho de Batista. Ganhou outra folga, por cinco jogos.

Evidentemente, esse comportamento preocupa. Houve uma época, inclusive,

"Acho que ainda estou subindo a escada. Sou novo e posso me aperfeiçoar. Mas não há o perigo de recuar" ÉDER

em que Telê telefonava para a cidade de Éder, Vespasiano, pedindo, quase implorando, que dona Zilda fosse passar uns dias em Porto Alegre para acalmar o filho. Mas dona Zilda não pôde ir.

Antes de pedir socorro à mãe de Éder, Telê esgotou toda a sua capacidade de persuasão, tentando mostrar que ele prejudicava a si e ao time. Agora, quando toca no assunto, nota-se até uma ponta de irritação em sua voz.

— Depende mais dele. Ele precisa saber que entra no campo é para jogar futebol. E que a regra do jogo não prevê interpelações ao árbitro. Ou ele aprende, ou larga a profissão.

O domínio impossível

Como é possível que Éder não tenha ainda percebido que está se prejudicando? Ou já percebeu?

— Claro que sim — responde um Éder solícito, porém preocupado. — O problema é que eu não consigo me dominar. Antes de um jogo, prometo, juro a mim mesmo que não vou esquentar a cabeça pra nada. Quando me vejo, estou lá, transtornado por causa de qualquer coisa que achei injusta.

SILVIO FERREIRA

Éder era esquentado, mas quem sofria eram os adversários com seus chutes quase indefensáveis

Excetuando os jogos, Éder, um rapaz alto e magro, de 20 anos, é o que aparenta ser: tranqüilo, bem-humorado, não muito falador. E, segundo seu companheiro Iúra, é o primeiro a reconhecer seus erros quando, nas preleções, os jogadores recebem liberdade de fazer críticas.

Talento e cabeça quente: dentro do campo, Éder mistura as duas coisas. A segunda, à parte, todos têm admiração por ele, inclusive os colorados. Para os gremistas, que no ano passado se exasperaram com o virtuosismo improdutivo do argentino Ortiz, ele é o que poderia ter acontecido de melhor para o time este ano.

Sua convocação para a Seleção — e ele está na lista de Coutinho — chega a ser um clamor.

— Sobre ele, o Joãozinho leva a vantagem de driblar melhor, por levar a bola tanto com o pé direito como com o esquerdo — compara Telê. — Mas o Éder, além de driblar bem, é mais veloz e chuta mais forte. De qualquer forma, são os dois melhores que vejo no Brasil.

— Tive que me adaptar ao esquema, devagarinho. O Telê gosta que o Ladinho suba para o ataque. Então, tive que aprender a sentir a hora de avançar e a hora de recuar. Outra coisa: construí uma casa para meus pais, em Vespasiano. A obra me tirou um pouco da tranqüilidade. E isso influía no meu jogo.

Os primeiros degraus

Sente-se que ele gostaria de usar esse último argumento para explicar também as expulsões e os cartões amarelos. Como a obra ficou pronta há alguns meses, ele pára, se cala. Pensa e volta a falar, do futuro.

— Acho que ainda estou subindo a escada. Sou novo e posso me aperfeiçoar. Mas não há o perigo de recuar. Todos falam que estou jogando muito bem e, de fato, acho que tem sido um bom ano. Só fiquei devendo uma grande atuação em Gre-Nal.

— Mas, naqueles que você jogou até o fim, foi bem.

— Pois é. Mas nunca fiz um de arrebentar. Não fiz gol. A bola batia na cara do Manga mas não entrava. Seria importante. Sabe como é, o Gre-Nal marca.

— E a 11 da Seleção, dá para pegar?

— Claro. Olha, se não me convocarem para a Copa, nem sei o que vai acontecer comigo.

Éder só não poderá perder a cabeça. ●

L.B. SCALCO

Em 1977, Iúra precisou de apenas 14 segundos para abrir o placar no clássico contra o Inter e passar para a história do Grêmio. Naquele ano, o tricolor venceu o Gre-Nal por 2 x 1, quebrando a hegemonia de oito anos do rival, e ainda levou o título do Gaúcho.

Com sua garra e dedicação, Iúra gannhou a confiança dos gremistas

POR DIVINO FONSECA

Passarinho teimoso

OS OUTROS – MAZINHO, HUMBERTO RAMOS E ALEXANDRE BUENO – CHEGARAM E PARTIRAM. O MALDITO, APÓS CADA QUEDA, VOLTOU SEMPRE AO TIME DO GRÊMIO COM SUA PERSISTÊNCIA

Numa tarde de dezembro do ano passado, o diretor de futebol do Grêmio, Paulo Koff, entrou com Iúra na sala do departamento. De manhã, tinha falado pelo telefone com dirigentes da Portuguesa de Desportos acertando a vinda do jogador e, naquele momento, levava-o a sua sala para que ele acertasse os salários. Lá dentro toparam com Nélson Ol-

medo — dirigente que deveria substituir Koff um mês depois — e o técnico Telê, fazendo planos para a temporada seguinte.

— Estou vendendo o Iúra — informou Koff. — Acho que vai ser um bom negócio para as três partes.

— Epa! — o dirigente e Telê saltaram das cadeiras. Olmedo falou:

— Pois eu e o Telê estávamos falando no Iúra nesse instante. A gente discutiu, ponderou — e acabamos concordando que ele merece entrar nos nossos planos. Por isso, acho bom você ligar para a Portuguesa, pedir desculpas e desfazer o negócio.

Iúra ficou em silêncio mas, por dentro, teve de achar graça.

Nem tanto por satisfação — uma saída, nas condições da época, até que seria boa. Mas porque o que acabava de acontecer não deixava de ser uma repetição de outros fins ou inícios de temporada.

Desde que se viu promovido aos profissionais, em 1972, esse ponta-de-lança (ou meia-armador) de canelas finas e cabelos louros escorridos sobre a testa acostumou-se a ver seu nome discutido por técnicos, dirigentes e torcedores. Serve, não serve, é um guerreiro, é um bandido, dá tudo pelo time, é indisciplinado, é obediente, é bêbado.

Cresceu, aprendeu

Este ano, como em 1975, quando o técnico era Ênio Andrade, ele recebe força de Telê. Aparentemente, uma trégua. Mas, em um dos setores do clube, a torcida, o bate-boca continua. Em lua-de-mel com o time, ele aplaude todos os jogadores com generosidade. Mas, mesmo nesses dias de festa, se ouvem palavrões e vaias a Iúra.

O estilo de Iúra — mais de esquema do que de técnica, mais de suor do que de criação — muitas vezes provoca a irritação da torcida; nesses últimos anos ávida por ver cracões. Mas sem dúvida foi a imagem de boêmio que fez dele um jogador marcado. Senão, como explicar que fosse vaiado mesmo quando era o melhor do time?

Até hoje correm entre torcedores histórias de badernas, quebra-quebras, grandes farras de Iúra. Como aquela de que foi ele, comandando uma gangue, quem quebrou o bar Minuano. Certa noite, no bar lotado, estourou uma briga num canto e, depois de quase uma hora de pau puro, não sobrou uma mesa ou uma cadeira inteira. Iúra estava no bar, e imediatamente o telefone do gerente do clube, Antônio Verardi, chamou. O informante relatava com detalhes a ação devastadora de Iúra — ironicamente um magricela que pesa 67 quilos e mede 1,78 m.

Pesquisa noturna

No dia seguinte, Verardi foi com Iúra ao local, para ouvir do dono do bar.

— Pois olha, me falaram que o causador de tudo se chamava Iúra. Mas eu marquei bem a cara dele e posso garantir que não é esse franguinho aí.

— Hoje, chego ao cúmulo de não sair com minha mulher à noite para não dizerem que ando metido com amantes.

— No início do ano, chegaram a fazer uma pesquisa sobre a vida noturna dele — revela o repórter Moura, da TV Difusora, muito amigo de Iúra. — O Edmundo Rodrigues, que também era diretor de futebol, até veio me perguntar o que ele costumava fazer à noite. Eu disse; e, se o Iúra ficou, foi porque eles acharam que o que ele fazia à noite era normal. E é, não?

Tecnicamente, então, não haveria objeções a fazer? Havia, algumas. Tanto que o primeiro reforço contratado pelo clube foi para sua posição: Alexandre, meia-esquerda do Guarani. Deste, dizia-se que dava um toque de classe a um setor onde só havia correria. Alexandre era uma espécie de ritmista do time: com ele, a bola só rolava de pé em pé, em passes curtos e medidos, evoluindo lenta e calculadamente.

FOTOS J.B. SCALCO

"Não chego a dizer que formei um time à imagem do Iúra. Mas ele vem garantindo o bugre com sua raça" TELÊ SANTANA

Contudo, perdido mais um Campeonato Gaúcho, dispensado o técnico Paulo Lumumba e contratado Telê, começou uma verdadeira revolução. O time já entrou no Brasileiro bem modificado. Hoje, quase um ano depois, restam dois jogadores daquele Grêmio que chegou a encantar a torcida com seu futebol vistoso: Eurico e Ancheta — além do reserva Iúra, Cejas, Beto Fuscão, Jerônimo e outros jogadores técnicos — mas sem a exigida explosão — foram vendidos ou passaram a reserva.

— Não chego a dizer que formei um time à imagem do Iúra — afirma Telê. — Mas ele vem garantindo o Bugre com sua raça, sua movimentação. Um time não se faz só de craques. Tem que ter os pés-de-boi. E ele é um.

De certa forma, repete-se o ocorrido em anos anteriores. Mazinho e Humberto Ramos, entre outros, também tinham vindo para ocupar seu lugar — e foram saudados efusivamente pelos gremistas, que já torciam o nariz ao estilo de Iúra. Mas, para o desgosto desses, ele sempre voltou.

— É que eu sou persistente. Não me entrego, não me abato nunca.

No fundo, a explicação para tanta dedicação durante os jogos está, segundo Telê, em um certo amadorismo que Iúra ainda cultiva.

— E isso é bonito. Raro, mas existe. Outro dia li no jornal que um jogador italiano, do Cagliari, se negou a ser vendido para o Juventus por uma fortuna só porque quer classificar o seu time. Não acho que o Iúra chegaria a tanto, mas sinto que, por ser um rapaz criado aqui dentro do Grêmio, ele tem amor ao clube.

— É como se eu estivesse jogando pelo Itapeva, lá da vila — confirma Iúra. — Por exemplo, ganho 14 mil por mês; não acho que seja muito, mas não vou pedir aumento antes do fim do contrato.

Sinal de segurança

Oito e meia da manhã. Muito frio. O estádio está deserto e os jogadores saltitam no meio do campo, preparando-se para o treino. De repente, do lado das sociais vem uma voz:

— Iúra, trapaceiro, gambá, cachaceiro, bêbado, carpeteiro.

Os jogadores viram-se rápido. É o próprio Iúra, tão seguro que já é capaz de zombar de si próprio.

Assim como Oberdã, Tadeu teve sua contratação solicitada por Telê Santana, para ajudar o Grêmio a interromper a série de conquistas do Inter. Sua estréia não poderia ter sido melhor: foi num Gre-Nal, em 1977, no qual marcou dois gols na vitória por 3 x 0. No mesmo ano, levantou o título.

Tadeu não se despediu quando parou de jogar, mas deixou saudades

Adeus, mestre

TADEU RICCI PAROU DE REPENTE. ERA UM LÍDER, DIZEM OS COMPANHEIROS. FOI UM JOGADOR CONSCIENTE DOS PROBLEMAS DO FUTEBOL E DA VIDA

POR DIVINO FONSECA

Não houve anúncios antecipados, pedidos para que voltasse atrás nem expectativa pela chegada da hora. Não haverá festa de despedida. De repente, sem que ninguém se desse conta, Mário Tadeu Ricci, 31 anos, não era mais jogador de futebol.

Afastou-se num dia de treino, terça-feira da semana passada, dois dias depois da desclassificação do Grêmio do Campeonato Brasileiro, quando todos os gremistas discutiam fervorosamente se um outro jogador, Éder, devia ou não ter jogado.

Vestiu um calção e uma camiseta, subiu para o gramado, caminhou de pé no chão, sentou-se ao solzinho e ficou olhando o treino dos que não haviam jogado no domingo.

As outras recordações podiam ser consideradas boas. Era um jogo tenso, nervoso, com o empate servindo para o Vasco e só a vitória interessando ao Grêmio, que custava a enquadrar o jogo segundo seus de-

sejos. Aos 19, o Vasco marcou o seu gol. O trabalho de Tadeu, como em outras tantas vezes, devia ser acalmar e ordenar o time para a reação. Correu, apontou, marcou, subiu, desceu. Aos 39, o empate. Pouco depois, a lesão. O beque Vicente carregou-o apressadamente para fora do campo. Atendido, Tadeu voltou, mas sentindo o joelho. Quando o time desceu para o vestiário, foi a última vez que 57 mil torcedores viram Tadeu com a camisa do Grêmio. Oberdã, outro motivo de discussões no momento, voltaria em seu lugar.

O melhor caráter

Quando o treino terminou, ele levantou de onde estava, deu tchau para os repórteres e jogadores que estavam por perto e foi para casa. Não tinha condições psicológicas para anunciar que estava saindo. Telefonou de casa.

O preparador físico Ithon Fritzen recorda o ano de 1973, quando chegou no América e encontrou Tadeu recém-saído de duas botas de gesso que iam até as virilhas. Tinha as pernas pouco mais grossas que os braços. Estava marginalizado.

— Três meses depois, ele estava jogando. Nunca encontrei outro com tamanha força de vontade.

Telê Santana:

— Sem desmerecer os outros jogadores, Tadeu foi o melhor caráter que encontrei nesses 11 anos que sou técnico.

O Grêmio perdeu também um excepcional jogador das horas de folga. Pergunte-se a qualquer um e se ficará sabendo que Tadeu nunca foi visto erguendo a voz para quem quer que seja. Mas era quem tomava a iniciativa de resolver qualquer problema ou conflito entre jogadores — e não foram poucos, adverte Telê.

Mas era intransigente na defesa dos interesses dos profissionais. Certa vez, aconselhou Víctor Hugo a não jogar enquanto os dirigentes não renovassem seu contrato.

Os dirigentes não se conformam em perdê-lo. Os jogadores muito menos, houve torcedores que choraram. Tinha os apelidos de Padre, Mestre e Diplomata.

Depois de 11 anos de bola profissional, é possível que reinicie o curso de Direito, interrompido no segundo ano. Certamente, fará um jogo com a camisa do Comercial, seu primeiro clube — que por sinal já queria contratá-lo na semana passada. Talvez, na época do Natal, volte a Porto Alegre para um jogo beneficente, com a camisa do Grêmio.

A idéia já o constrange um pouco: Tadeu, definitivamente, não se sente bem recebendo homenagens.

— Aquilo de ser pegado pelo braço e ser levado à frente da torcida. Não é do meu feitio, nunca fui disso. Pretendia me afastar exatamente como me afastei, assim, sem despedidas formais.

— A única diferença é que eu queria largar como campeão brasileiro. Senti que dava, sabe? O time vinha muito bem. Eu pensava no dia seguinte ao do jogo final: todo mundo ia estar comentando o título. Eu sairia devagarinho, ninguém ia notar.

— Não, não larguei simultaneamente à crise do Éder para desviar a atenção de um caso negativo. Foi coincidência. A minha saída já era esperada. Quando renovei contrato, em março, pedi uma carta em que me dessem liberdade para sair tão logo terminasse o Campeonato Brasileiro. A princípio, só eu e o diretor de futebol, o Nélson Olmedo, sabíamos. Recentemente, Telê e outros dirigentes ficaram sabendo. Ficaram sabendo também que eu ia fazer uso dessa liberdade.

— Então, nesse tempo de Grêmio, já sem viver os conflitos do profissionalismo, foi como se eu tivesse voltado às origens. Porque eu sempre fui um amador, uma pessoa que encarou o futebol como uma forma de expressão de um artista.

— Vou sentir saudade desses 11 anos, sabe? Porque o futebol é uma coisa fascinante, com a qual se pode aprender muito. Nesse relacionamento entre pessoas, através da bola, pode-se conhecer até a personalidade de cada um. Basta observar o jogador que prende demais a bola, o que procura o lado mais bonito do lance, o que joga de primeira e se preocupa com a cobertura aos outros. Jogando, as pessoas mostram o que são. Acho linda essa comunicação através do jogo.

— O futebol pode também dar uma idéia social. A sociedade ideal, sem injustiças e privilégios, pode ser vista numa equipe, onde cada um, fazendo o que sabe e ajudando os outros, luta para manter o equilíbrio dessa equipe.

Expressão artística

— Todas essas coisas o futebol ensina. A vida está espelhada nele. Por isso ele me fascina. Mas, por outro lado, muitas das coisas que cercam o futebol eu lamento. Gostaria que a paixão que cerca esse jogo não fosse tão cega, tão brutal. Domingo, por exemplo, a nossa torcida saiu triste com a desclassificação, porém mais aborrecida ainda porque o outro, o Internacional, ao mesmo tempo se classificava.

— É bonito ver o torcedor apoiando o seu time, mas mais bonito ainda seria se as torcidas tivessem o futebol mais como um lazer, que os juízes não sofressem tantas pressões e que os jogadores usassem o jogo mais como a expressão de sua arte, sem, é claro, deixarem de lutar.

— Devia ser o jogo da liberdade, em que aquela tarde no estádio não fosse o substituto do feijão que está faltando. Porque, além de futebol, existem outras coisas importantes na vida. Coisas que deviam ser pensadas, analisadas, discutidas.

— Estou eu aqui falando por parábolas. A verdade é que, nesses últimos anos, o futebol tem sido usado para outros objetivos por forças superiores. Eu, na medida do possível, sempre procurei fugir a essas in-

FOTOS J. B. SCALCO

"Sem desmerecer os outros jogadores, Tadeu foi o melhor caráter que encontrei nesses 11 anos que sou técnico"
TELÊ SANTANA

fluências. E olhei e tentei fazer outros olharem o futebol apenas como um jogo.

— Estou largando com a esperança de ver, um dia, o futebol como uma festa de liberdade.

À PLACAR, resta dizer que o futebol brasileiro perdeu um craque da bola e também da dignidade.

No Grêmio, Paulo César Caju provou que toda sua irreverência não iria atrapalhá-lo. Com a camisa tricolor chegou ao título do Campeonato Gaúcho em 1979. Em 1983, voltou ao time para ajudar o Grêmio a conquistar sua maior glória: o Mundial Interclubes.

Portinho se curva ante Paulô

ERA PAULO CÉSAR CAJU, O MALDITO, O INDISCIPLINADO, O CRIADOR DE CASOS. ERA. ELE PROVOU AOS DESCONFIADOS GAÚCHOS SUA QUALIDADE

POR DIVINO FONSECA

Há algumas semanas, circulou entre cronistas sociais e integrantes do chamado *beautiful people* de Porto Alegre uma novidade que, tendo em vista o personagem, causou mais curiosidade do que surpresa: Paulo César tinha sido, convidado por Artur Guarisse, um decorador, a montar seu lustroso e imponente cavalo Prelúdio, um dos mais admirados nas provas da fechada Sociedade Hípica de Porto Alegre.

Surpresa por quê? Afinal, num domingo desses, Paulo César tinha aparecido na coluna do cronista social Raimundo Gasparotto, do jornal *Zero Hora*, e citara o hipismo como um de seus esportes favoritos. "Tênis e hipismo me fascinam", disse.

Ainda não se sabe de convites para freqüentar as quadras de tênis da Sociedade Leopoldina-Juvenil, mas quanto ao outro esporte já houve evolução: Guarisse o presenteou com um de seus cavalos.

— É o Fúria, que dizem ser magnífico — informa Paulo César.

Os dirigentes do Grêmio, à distância, observam o fato com íntima satisfação: estava ali um motivo para se acreditar que a mais fulgurante estrela da equipe, importada com os riscos previsíveis de adaptação, começava a sentir-se em casa.

Essa preocupação apareceu tão logo foi anunciada a contratação, em fevereiro. Ela se manifesta toda vez que Grêmio ou Inter tira um jogador do Maracanã e de Ipanema para entregá-lo à fúria dos beques e à impiedade do minuano. Ainda mais com Paulo César, que carrega uma biografia cheia de incompatibilidades. "Vai agüentar o estilo gaúcho?", "Vai suportar Porto Alegre?", perguntava-se.

Paulo César supera com boa vantagem as agruras de campo, usando seu indiscutível talento. Já decidiu dois jogos dramáticos com gols providenciais. A torcida está com ele.

E o ambiente? Porto Alegre — Portinho, como a chamam os cronistas sociais — estaria preparada para prender figura tão internacional?

— Olha — antecipa Gasparotto —, se ele fosse apenas um jogador, acho que sim. Esta classe só pensa em futebol. Já Paulo César joga futebol, mas, como ele disse, passa férias em Paris, lê Neruda, bebe champanhe Don Perignon e usa perfume Monsier Jacques. Aí, fica difícil, não?

Tatata Pimentel, cronista da TV Difusora, ressalta outra preocupação:

— Nosso soçaite não tem educação internacional — é grosso, municipal. Não recebe personalidades convenientemente. E convenhamos que Paulo César, que faz bonito em qualquer ambiente, é uma personalidade fascinante.

FOTOS J.B. SCALCO

— O engraçado é que pensam que vim aqui para fazer vida social. Por isso, não viria. É gozado que precise repetir que sou um profissional da bola. Vim para jogar e ganhar dinheiro.

As pessoas, contudo, acham que têm razões para se interessar pela vida mundana de Paulo César, cujo pouso às margens do Guaíba honra os habitantes do Portinho. Se o soçaite exibe uma educação municipal, não têm faltado convites da classe média alta para festinhas e jantares. Tânia Carvalho, sua vizinha, atriz e apresentadora de tevê, acha que o racismo gaúcho pode reduzir ainda mais a cidade para Paulo César. Tatata garante que ele jamais receberá um convite para ir ao Country Club, que "não recebe negros ou judeus". Gasparotto revela que muitos ricaços de suas relações consideram a estrela do Grêmio um cabotino, como, aliás, a todo negro que sobe na vida". Mas Paulo César continua freqüentando as discotecas de gente jovem, rica e bonita — e sempre assediado por belas louras.

Os traços de esnobismo, porém, ficam por conta da imaginação. Ele diz que aprendeu a gostar de outros esportes na França. Os jogos de seu time eram às sextas-feiras, o que lhe deixava os fins de semana livres. Os amigos levavam-no aos torneios de tênis; ao lado de sua casa ficava uma pista de hipismo, ele também freqüentava provas automobilísticas.

Paulo César Lima, 29 anos, vê sua profissão como um negócio especial, capaz de lhe proporcionar uma vida extremamente confortável. Lamenta, inclusive, que no Brasil se faça tanto estardalhaço quando um jogador recebe 2 milhões de luvas — o que se diz que ele ganhou do Grêmio: "O tenista Jimmy Connors ga-

Com sua ida para o Grêmio, o experiente Paulo César desafiou quem apostava que ele não conseguiria se adaptar ào futebol gaúcho e à Porto Alegre

nha mais do que isso num único jogo".

Paulo César não gosta do trabalho pesado que o preparador Ithon Fritzen impõe aos jogadores — e, às vezes, até que Fantôni atende aos seus pedidos de substituir a ginástica por uma pelada. Jamais faltou a um treino, exceto quando comeu meio quilo de ambrosia e teve um desarranjo intestinal. E jamais rejeita parada no interior.

— Jogo todas, meu chapa. Tem muita gente no Rio torcendo contra mim. Vou provar que tenho fibra.

O que poderia quebrar a fibra de Paulo César? A irreverência da torcida?

— Não. Mas no começo foi difícil. Ela não aceita facilmente quem vem de fora. Com ou sem praia, com ou sem vida noturna, terão que me aturar.

Mas um possível choque entre os hábitos de Paulo César e o espírito gauchesco-tricolor sobrevive nas conjeturas. Como no Rio, existe em Porto Alegre quem aposte que ele acabará refugando nos jogos mais duros. O gremista Becker, 38 anos, ao lembrar o fato do conselheiro que ofereceu carona a Paulo César e este se instalou no banco de trás, teme até que o explosivo presidente Hélio Dourado acabe um dia se pegando a socos com ele.

"O engraçado é que pensam que vim aqui para fazer vida social. Por isso, não viria. Vim para jogar e ganhar dinheiro"
PAULO CÉSAR CAJU

São apenas previsões e, por enquanto, nada indica que se confirmarão. Mas é provável que a primeira desavença surja longe do futebol: no soçaite, ou, mais exatamente, no hipismo.

Depois da oferta, Guarisse andava atrás de Paulo César, para saber quando ele pretendia retirar Fúria da baia ocupada na Hípica. Revelando que um cavalo dos bons custa 800 mil cruzeiros e que, na verdade, o presenteado já está em tempo de aposentadoria, Guarisse, aparentemente, não tinha pensado no problema que seu presente criava para o famoso amigo. E Paulo César não parece tão adaptado ao Portinho a ponto de amarrar o alazão na porta do edifício onde mora. ○

Quando chegou a Porto Alegre, Paulo Isidoro despertou a desconfiança da torcida gremista. Será que aquele garoto franzino seria capaz de suportar o jogo viril dos zagueiros gaúchos? Com todo seu talento, ele não só superou a dúvida inicial, como bateu seus adversários e conquistou o Sul.

Miúdo, magrinho, machão

NO SUL, TEM BEQUE DANDO PONTAPÉ ATÉ NA CABEÇA, MAS COM AGILIDADE, TÉCNICA E CORAGEM, O NEGUINHO VENCEU MAIS ESSE DESAFIO. O PRÓXIMO: SER TITULAR DA SELEÇÃO

POR EMANUEL MATTOS

Paulo Isidoro de Jesus, 25 anos, venceu seu maior desafio. O menino nascido e criado em Matosinhos entre canários e curiós, o moço formado pelo bem tocado futebol mineiro, entrou na área não só em Passo Fundo — símbolo da dureza do futebol gaúcho — como em Bagé, São Borja e tantas outras praças de guerra. Mais: firmou-se como o grande jogador do Grêmio na temporada, garantindo seu cartaz principalmente nos dois Gre-Nais quentes do Estadual. De quebra, integrou quase todas as seleções convocadas por Telê Santana e chega ao final do ano com a certeza de que seu nome estará na lista para o Mundialito de 1981.

Bom demais para o Tiziu, que assim cumpre a promessa feita quando chegou ao Sul no começo do ano, trocado por Éder: voar cada vez mais alto.

Mas não foi fácil. No início, houve muitos olhares desconfiados diante dos seus 1,70 m e 63 kg — pouca massa para enfrentar os grandalhões zagueiros do interior. Bem que estes tentaram intimidá-lo, mas não sabiam que sobrava coragem naquele corpo franzino. "Vou te quebrar, é o que mais se escuta aqui", queixa-se Isidoro. "E os caras cumprem mesmo. Contra o São Paulo, desacordaram o Renato Sá com um pontapé na cabeça. Me dei bem porque nunca fugi das divididas e isso o pessoal respeita aqui. Machão? Não sei, mas não costumo afinar, fugir do pau."

Sucesso: um carro de 1 milhão

Então o Sul é igual a Minas? "Nem pense nisso. Lá os times pequenos jogam na bola e são mais ambiciosos. Aqui é só bola pro mato. Dão soco, cotovelada, te cospem na cara. Olha só, eu que nunca fui indisciplinado já levei três cartões amarelos. Claro, você toma uma, duas, três pancadas, mas quando vai reclamar do juiz, toma cartão."

Vencida a guerra da violência, o Tiziu partiu para os grandes momentos de afirmação: nos dois Gre-Nais quentes do hexagonal, foi o melhor jogador do Grêmio — disparado. E no clássico da semana passada, ele teve que se desdobrar para cumprir o esquema de Paulinho de Almeida, que sacou Tarciso da ponta para botar Jurandir grudado em Mário Sérgio. Mesmo um tanto solitário, Isidoro cumpriu tão bem o seu papel, espalhando o terror pela defesa colorada, que o grande Batista às vezes se viu obrigado a pará-lo duramente. "Notável, esse meu jogador, hein? Com aquela mobilidade e aquela técnica, desequilibra o jogo a nosso favor", diz, todo satisfeito, Paulinho de Almeida. "Taticamente, ele é tão importante para o Grêmio quanto o Mário Sérgio para o Inter", reconhece Batista.

Tudo isso significa que o sucesso do Tiziu nos campos do Sul é definitivo, independentemente de quem possa ganhar o campeonato. E o atual símbolo desse sucesso é um flamante Santa Mathilde, um carro avaliado em mais de 1 milhão, o que contraria sua fama de pão-duro: "Continuo ajudando a família, mas de vez em quando a gente tem que comprar alguma coisinha para a vida ter graça, né?" Paulo Isidoro, de fato, parece ser um novo homem. Verdade que ainda se sente meio ligado à mãe, dona Laurita, em nome de quem recusara uma proposta milionária do futebol mexicano, mas uma carta por semana e sete mil cruzeiros mensais de conversas telefônicas ajudam a matar a saudade. A diferença está em Silvana, uma estudante de Geografia com quem se casou. "Nossa convivência é sensacional", revela Isidoro. "Vamos a teatros, cinemas, pedalamos pelo bairro, passeamos pelo interior e, enquanto ela estuda, posso curtir os livros do Jorge Amado. Quer dizer: o casamento botou ordem na minha vida."

Só uma coisa pode esquentar sua cabeça.

A cabeça geralmente fresca de Paulo Isidoro só costuma esquentar em um momento: quando ele ouve ou lê insinuações de que só é convocado para a Seleção porque é amigo de Telê. "Isso é uma asneira", explode. "Isso é tão ridículo quanto achar que o Cerezo e o Reinaldo não devem ser convocados só porque foram jogadores do Telê."

Por que seu nome não sai da lista de Telê

E o próprio técnico da Seleção sai em defesa dele: argumentando que, no Mundialito, precisará de alguém que jogue em todas do meio para a frente, praticamente garante sua convocação. E afirma: "Não convoco ninguém por protecionismo. Apenas tenho minhas preferências, como qualquer técnico. Gosto do Isidoro, sim. Ele é sempre disciplinado, dá tudo para ganhar, tem raça e uma condição física excepcional. Amizade? Ora, o Isidoro foi convocado em 77, quando eu nem pensava em ser técnico da Seleção."

Ao saber dessas palavras, o franzino que acaba de vencer o duro desafio do Sul vibra como se tivesse marcado um gol: "Só estar dentro do barco já é ótimo. Agora, minha ambição é conquistar a camisa titular, e jogando na minha, onde rendo mais. É um belo desafio. Mas nem eu mesmo conheço o meu limite".

"Taticamente, ele é tão importante para o Grêmio quanto o Mário Sérgio para o Inter"
BATISTA

Com seu jeito esperto, Isidoro conseguiu driblar seus marcadores

J.B. SCALCO

O atacante ameaça, dramático: "Sai daí, meu irmão, senão te mato!" Imóvel no centro do gol, Lara responde: "Chuta". Nessa tarde de 1935, em Porto Alegre, acontecia um duelo mortal entre irmãos. Uma lenda que percorreu vários lugares e ganhou versões diferentes.

O goleiro agarra o pênalti. E morre

POR CARLOS MARANHÃO E CLAUDIO DIENSTMANN

GRENAL DECISIVO, SETEMBRO DE 1935. FRIEDENREICH É O ENCARREGADO DE BATER O PÊNALTI. O GOL DO GRÊMIO É GUARNECIDO POR SEU IRMÃO EURICO LARA. NASCIA A LENDA

Um fantástico cemitério do futebol povoou por longo tempo os sonhos e os pesadelos de torcedores do país inteiro. Lá estariam sepultados, no jazigo dos heróis da bola, grandes e inesquecíveis goleiros que tombaram bravamente no cumprimento do dever. Morreram dentro do gol, em plena partida, ao defenderem pênaltis chutados por seus próprios irmãos.

Incrível, não? Sim, incrível — e absolutamente extraordinário. Os nomes desses goleiros imortais estariam gravados nas lápides: Pé-de-Ferro, Eurico Lara, Aquiles...

A lenda nasceu no Rio Grande do Sul e foi subindo para o norte, através do litoral. Passou pelo Paraná, andou por São Paulo, cruzou o Rio de Janeiro e chegou ao resto do Brasil. O menino Bagatini a ouviu inúmeras vezes no hotel de seus pais, em Encantado, a 100 km de Porto Alegre. Era sempre contada por um caixeiro-viajante que aparecia periodicamente na cidade. Bagatini e um irmão mais velho, que jogava como goleiro em peladas, não se cansavam de ouvir a história, com um misto de espanto e deslumbramento:

— ... então o Pé-de-Ferro disse pro seu irmão: "Chuta, mano. Podes chutar, que eu vou defender esse pênalti". O irmão correu e bateu forte, no meio do gol. Pé-de-Ferro, como havia prometido, agarrou a bola e caiu ajoelhado. Depois de um instante, soltou-a e se estirou na grama, sem dar um ai. Estava morto.

Os garotos faziam perguntas, horrorizados, e o caixeiro-viajante acrescentava novos detalhes, colorindo sua descrição. O nome do irmão de Pé-de-Ferro? Bem, desse detalhe o caixeiro-viajante não se lembrava. Mas aproveitava para dar um conselho aos jovens da família Bagatini:

— Há outros casos de goleiros que morreram mais tarde porque encaixavam a bola que nem o Pé-de-Ferro. Não façam isso, meninos. Pode dar câncer.

Bagatini resolveu não pôr em dúvida os ensinamentos quando, bem mais tarde, tornou-se goleiro do Caxias, do Internacional e do Vitória-BA— e se ele acabasse como o Pé-de-Ferro? Ou, quem sabe, como o incomparável Eurico Lara?

As duas lendas circularam paralelas e, numa versão modificada, tratavam da saga do palmeirense Aquiles, que teria sido fulminado ao agarrar um pênalti batido pelo corintiano Grané, que, diziam, era seu irmão. Surgiram histórias parecidas em outros estados, mas nenhuma conseguiu ser tão fascinante como a do mitológico Lara, por certo o ponto de origem das demais narrativas.

Corria o festivo ano de 1935, em que o Rio Grande do Sul comemorava, orgulhoso, o centenário da Revolução Farroupilha. Como sempre, um Gre-Nal decidia o campeonato. De repente, pênalti para o Inter. Quem vai cobrar? Ora, o célebre Friedenreich. No gol do Grêmio, Lara abre os longos braços e se prepara. O estádio treme: estavam frente a frente os dois notáveis irmãos.

Quem levaria a melhor? Friedenreich marcaria o gol? Ou Lara defenderia o chute?

Acomodado nas precárias arquibancadas de madeira do Estádio dos Eucaliptos, o público mal percebeu que os dois trocaram rápidas palavras.

— Sai do gol, meu irmão, senão eu te mato — implorou Friedenreich.

— Chuta — foi a resposta seca e definitiva de Lara.

Titular do Grêmio há 15 anos, Lara gozava da inteira confiança da torcida. Sua figura era impressionante: alto, quase 2 m de altura, muito magro, feições morenas de índio. Viera em 1920 de Uruguaiana, no extremo oeste gaúcho, fronteira da Argentina. Foi um custo tirá-lo de lá. Soldado e goleiro do Batalhão da Fronteira, não lhe passava pela cabeça jogar futebol em Porto Alegre.

Mas tinha muita fama e, um dia, o Grêmio mandou para Uruguaiana seu zagueiro Luís Assunção, que certa vez jogara contra ele na cidade de Alegrete, com a missão de contratar Lara a qualquer preço. Lara não quis conversa. Quando a insistência tornou-se incômoda, mandou dizer que estava doente e ficou duas semanas de cama. O Grêmio então mobilizou políticos da Capital e afinal o trouxe.

Em Porto Alegre, transformou-se rapidamente numa sensação. Embora a princípio não tivesse estilo, defendendo bolas a socos, ele aos poucos foi se aperfeiçoando e não demorou para aprender todos os segredos da posição. Logo titular da Seleção Gaúcha, assombrou cariocas e paulistas nos campeonatos brasileiros de seleções. Em 1925, o Paulistano, antes de seguir para a primeira excursão à Europa realizada por um clube brasileiro, tentou

"...então o Pé-de-Ferro disse pro seu irmão: 'chuta, mano. Podes chutar, que eu vou defender esse pênalti'"

Lara era uma muralha no gol do Grêmio. Até hoje não se sabe como surgiu a lenda sobre sua morte

contratá-lo. Chegou a lhe oferecer um emprego no qual ganharia dez vezes mais do que no Exército.

Lara não foi. Cinco anos mais tarde, marchou com os vencedores na Revolução de 30, sendo promovido a tenente no final da campanha. Abandonou então a farda e, após algumas experiências malsucedidas, aceitou uma oferta do Grêmio para ser o administrador do Estádio da Baixada. Mas nunca deixou de ser o goleiro titular, adorado por seus torcedores e respeitado pelos adversários, mesmo quando, a partir de 1933, começou a sofrer sérios problemas de saúde.

Os médicos que o examinaram não tiveram dificuldades para chegar a um diagnóstico. Lara padecia de vários males interligados — aneurisma, nevralgia entrecostal, hepatite, dilatação da aorta e derramamento de bílis —, em conseqüência da subnutrição da infância e, certamente, de uma sífilis não tratada.

Apesar de tudo, ele resistia. Aos 37 anos, conservava intacto seu prestígio de maior goleiro do Rio Grande. Mas agora precisava provar outra vez que continuava sendo o melhor de todos. Por isso, iria defender aquele pênalti de qualquer jeito. O Friedenreich ameaçava matá-lo? Ah, Lara não podia levar uma coisa dessas a sério.

— Chuta!

A bola saiu do pé direito de Friedenreich — violenta, mortal — e acabou no corpo imenso de Lara, o índio xucro que em nenhum momento desejou trocar o sossego de Uruguaiana pelas glórias do futebol. Com suas grandes mãos, ele ainda a segurou contra o estômago, para um instante depois cair sem vida em cima da risca do gol.

Não se sabe quem criou essa história, que por longo tempo emocionou gremistas e colorados, ou como os nomes de seus personagens acabaram mudando de Estado para Estado. Na verdade, Friedenreich jamais jogou no Internacional e, mesmo que jogasse, não poderia ser irmão de Lara, pois era filho único.

E Lara, que, de fato participou do Gre-Nal de 22 de setembro de 1935, morreria 45 dias depois. Está enterrado em Porto Alegre. Todos os anos, no aniversário de sua morte, velhos gremistas visitam seu túmulo em romaria. Às vezes, ao voltarem de lá com os olhos vermelhos, alguns deles têm a sensação de verem novamente o herói morrer ao defender o pênalti chutado pelo próprio irmão. ○

Depois que começou a ganhar títulos no Grêmio, Tarciso não parou mais. Conquistou o estadual em 1979, 80 e 85, o Brasileiro de 1981 e a Libertadores e o Mundial Interclubes de 1983. Craque.

10 anos de Tarciso

MAIS DE 500 JOGOS DEPOIS, ELE SE CONFESSA GREMISTA DE CORAÇÃO, MAS MUITO DESILUDIDO COMO JOGADOR. "DESCOBRI QUE SOU IGUAL A UM CARRO"

POR DIVINO FONSECA

J.B. SCALCO

Com Tarciso em campo, a torcida já sabia: habilidade e gols

Na cabine de imprensa do estádio Olímpico, semana passada, três repórteres simpatizantes do Grêmio faziam comentários sobre a atuação de Tarciso contra o Guarani. "Alguém precisa avisar a ele que não dá mais", dizia um. "Tinha que jogar nos veteranos", acrescentava outro. E o terceiro, ilustrando a idéia: "Já pensou que ataque? Tarciso, Joãozinho, Alcindo e Volmir". E riam.

Dois minutos depois, Tarciso marca o segundo gol de sua equipe. Na cabine, os três repórteres sorriem. Mas, ao contrário do que acontece nessas ocasiões, não fazem piadas sobre o próprio azar.

Geralmente, jogador enfrenta duas fases de angústia: no início, quando quer se firmar, e depois dos 30, quando quer esticar a carreira. Em sua décima temporada no Grêmio, 546 jogos e 193 gols depois, o ponta-direita José Tarciso de Souza, de 30 anos (15/9/51), entrou definitivamente na segunda fase.

Ainda é um jogador utilíssimo, até porque sua posição é a mais carente de valores no futebol brasileiro. Contudo, um pouco por preconceito, um pouco pelo tédio de vê-lo há tanto tempo no mesmo lugar e outro tanto porque ele não pode ser o mesmo da primeira temporada, a torcida reage com poucos aplausos nas boas jogadas e vaias nas ruins. E parte da crítica, como os rapazes da cabine, age de forma semelhante.

"O que me consola", diz Tarciso, "é que ainda há torcedores que gostam de mim. Desde a minha chegada tem gente da crítica querendo me tirar." Não se sente amargurado, daquela amargura tipo não valeu a pena — afinal, conseguiu dois apartamentos e, há poucos dias, mudou-se para uma bela casa de tijolo à vista que mandou construir bem próximo do Olímpico. Mas desiludido: "Descobri que jogador é como carro. Qualquer um pode entrar, ligar a chave e sentir-se no direito de andar a 100 por hora". Tão desiludido, que chega a sonhar com um futebol sem paixão, como o da Europa e dos Estados Unidos: "Lá, os jogadores são como executivos. Sabe que, na excursão do Grêmio à Europa no ano passado, eu errei um cruzamento e a torcida aplaudiu o meu esforço para chegar à linha de fundo?". E discorda que a má vontade dos gremistas seja recente: "Aqui, sempre estive a perigo, sempre precisei provar, a cada jogo, a cada mês, a cada ano".

Milton Jung, cronista da *Folha da Tarde*, acha que isso acontece porque Tarciso se perturba com facilidade, embora tenha chegado aos 30 anos: "Ele é como jogador novo. Se a equipe está bem, joga bem. Se a equipe está mal, joga mal". E o que pensa Armindo Antônio Ranzolin, narrador da rádio Guaíba: "Ainda se nota nele a forte inibição que levou o Coutinho a cortá-lo da Seleção em 1978". Lauro Quadros, comentarista da mesma emissora, julga que aí está a causa de Tarciso evitar jogadas divididas, mas o considera útil, "desde que o time saiba aproveitar sua velocidade". Para João Nassif, comentarista da rádio Gaúcha, no entanto, Tarciso tem decepcionado mesmo quando exploram o seu forte: "Esse gol contra o Guarani, quando ele dividiu com três beques, foi uma jogada de exceção". De qualquer forma, os quatro acreditam que Tarciso terá bom desempenho na Libertadores. "Contra desconhecidos, ele ainda rende bem", assegura Lauro, que mesmo assim preconiza sua venda antes de 15 de janeiro, quando o ponteiro completará dez anos de clube e terá direito a passe livre. "Será melhor para o clube e para o jogador", diz.

Tarciso, contudo, acha melhor ficar livre e ganhar um bom dinheiro no exterior. Não irá para o Inter: "Para sofrer igual? Amigo, jogador que disser que não liga para as pressões aqui no Sul está mentindo".

Marcelo, um dos seus três filhos, que

"O que me consola é que ainda há torcedores que gostam de mim. Desde a minha chegada tem gente querendo me tirar"

ainda saboreia as delícias de morar numa casa, vem correndo do pátio: "Pajé, o cachorrão está dando uma surra no cachorrinho". Tarciso acalma-o, e diz que é assim mesmo, embora não quisesse fazer nenhuma comparação com a vida. "Ser ponta é fogo, sabe?", filosofa. "O time não vive sem ele, mas o destino do jogo nunca está em seus pés. De que adianta driblar seis e cruzar na medida se o centroavante esta em má fase?" Aliás, dá graças a Deus por Telê Santana tê-lo tirado do comando do ataque, em 1977: "Eu teria perdido o emprego, como aconteceu para uns seis ou sete que vieram depois de mim".

Aqueles tempos de centroavante — iniciados em 1973, quando chegou do América-RJ — foram mais duros. Nem tanto pelas cotoveladas de Figueroa ou as soladas dos becões do interior, recorda — e, sim, porque a fase de afirmação coincidiu com alguns acontecimentos muito tristes. Teve que jogar um Gre-Nal seis dias após a morte da mãe. Um mês depois, morria seu pai e, dali a cinco dias, lá estava ele enfrentando a guerra de um jogo em Passo Fundo. Ficou dois meses parado por causa de uma distensão na coxa direita — tão forte, que até hoje se nota uma diferença em relação à coxa esquerda. "E tem uma que eu vou guardar para os meus netos. Num jogo contra o Coritiba, em 1974, o Oberti passou pelo goleiro, colocou no canto e saiu para vibrar. Eu, numa fase difícil, quis tomar o gol para mim. Antes de a bola entrar eu chutei. Estava tão preocupado, que a bola saiu. O Oberti queria me matar."

De qualquer forma, acha que valeu a pena. Fez ala com Tadeu Ricci, "o cara mais inteligente com quem atuei". Conheceu André Catimba, "o grande líder de 1977 e 78, pois incutia confiança ao time". E, afinal de contas, são dez temporadas, suficientes para, apesar de tudo, virar gremista. "Pois é, comprei título de sócio patrimonial e tudo mais. E como a nossa casa. Tem briga, mas a gente gosta."

E avisa: "Depois de dois anos no exterior, volto e vou curtir os jogos da minha cadeira de sócio. Para aplaudir os jogadores. Nunca para vaiar". ○

Insatisfeito no Flamengo, Tita arriscou e foi desfilar seu talento no Grêmio. Em pouco tempo conquistou a torcida tricolor. No Grêmio, continuou sua sina de ganhador de títulos e venceu a Libertadores de 1983 e o estadual aem 1985. Enfim, com a camisa 10 que tanto almejou em toda a vida.

Tita recebia menos no Grêmio do que no ex-clube, mas a troca o deixou aliviado

LEMYR MARTINS

A felicidade no Olímpico

ELE PREFERIU TROCAR A RESERVA DE LUXO NO FLAMENGO POR UM LUGAR CERTO NO GRÊMIO. MAIS SATISFEITO DO QUE TITA, SÓ A TORCIDA DO GRÊMIO

POR DIVINO FONSECA

Ao contrário da maioria dos profissionais, que não hesitaria em trocar a alegria do trabalho pelo melhor salário, o futebolista fluminense Mílton Queirós da Paixão, o Tita, preferiu ganhar menos no clube para o qual se transferiu do que receberia se tivesse continuado naquele em que estava, mas, em troca, conquistou uma coisa que considera mais importante: o prazer de jogar.

Eis aí, ao lado do casamento com Sandra Regina, realizado em dezembro no Rio de Janeiro, a razão dos sorrisos e da leveza de espírito desse mórmon de 24 anos, que deixa para trás 14 anos de Flamengo, o iluminado palco do Maracanã – e muitos conflitos. No Grêmio, o caminho recém-aberto lhe garante, por enquanto, apenas uma compensação: vai jogar sempre em sua posição, ponta-de-lança. Mas isso, em seu caso, tem um sentido quase místico – é alguém finalmente exercendo sua vocação.

"Foi só por isso que eu vim. E basta. Sabe como eu me sinto? Como o cara que lutou muito para se formar e está abrindo o seu escritório", compara.

No dia em que foi despedir-se dos

companheiros, na Gávea, alguns deles enfim acreditaram naquela transferência. Mas continuaram não entendendo. "Você está deixando um clube campeão do mundo, que fica no Rio e paga muitíssimo bem", advertiam. "Sair daqui não vale o prazer de jogar na posição", disse um deles. Tita, que faturaria mais em salários, bichos e gratificações especiais no Flamengo do que os 2,7 milhões mensais do Grêmio, apenas sorria.

Afinal, o que tem a ponta-de-lança? Qual o mistério do seu fascínio, a ponto de fazer alguém se obstinar por ela? "Ali, eu posso marcar, lançar, deslocar-me, cadenciar, fazer gol. É a que mais exige, mas é a que mais realiza. No Flamengo, raramente eu sentia essa alegria, pois o Zico não costuma ficar de fora. Mais: ultimamente, eu me sentia como um jornalista esportivo escrevendo sobre crimes. Havia semanas em que treinava de ponta-direita, começava o jogo como centroavante e acabava como ponta-esquerda. Resolvi dar um fim nisso."

Antes do fim, porém, formou-se no Flamengo uma delicada questão, que resultou em arranhões na imagem de Tita. Afinal, alguém dizer que quer jogar de ponta-de-lança quando o ocupante da posição é o melhor jogador do país soa, para o comum dos mortais, no mínimo como impertinência.

"Esta reportagem vai ser ótima para esclarecer de vez esse assunto", diz, sério, porém tranqüilo. "O Zico é o Zico, o melhor do país, tem a família dele, é outra pessoa. Eu sou o Tita. Nunca cobicei a posição dele. Eu apenas dizia que tinha condições de ser um grande jogador atuando nela. E tenho. Quando eu dizia isso, no fundo significava que queria trocar de clube. Mas, não sei por que, alguns entendiam diferente."

Tita conta, agora num tom mais leve, que sempre, mas sempre mesmo, sua escalação com a 10 no Flamengo foi difícil. Desde os tempos do dente-de-leite. "A maioria do time tinha 14 anos, a idade limite. E eu, 11. Que acontecia? O técnico dizia: 'Olha, o nosso ponta-de-lança está há mais tempo, você colabora na ponta, tá?' Assim foi em todas as categorias. E, quando subi para os profissionais, com 18 anos, havia o Zico."

Quando garoto, se irritava com a situação. Mas se acalmava diante dos conselhos do pai, o velho Milton Henriques, que lhe mostrava o lado bom da polivalência — aprender a chutar com os dois pés, cabecear, sentir as outras posições. Já profissional e homem feito, porém, ou se amofinava ou se irritava diante da perspectiva de só jogar na sua quando Zico saísse do Flamengo. Chegou a romper com a Seleção, que só o convocava para escalá-lo na ponta. Mudou quando conheceu Sandra Regina, mórmon como ele, mas muito mais paciente. Foi quando tomou a serena decisão de que era preciso sair.

Hoje, o que significa Tita para o Grêmio? Talvez não o que desejaria dona Cecília, uma torcedora de 87 anos que viajou 20 km para ver sua estréia contra a Ponte Preta e para a qual ele dedicou seu gol — configurou-se aí uma ligação religiosa. Para a torcida, em geral, Tita é simplesmente o jogador que faltava: técnico, inteligente, artilheiro e raçudo. "Tudo o que Paulo Isidoro foi nos dois primeiros anos aqui, e talvez até mais", resume Róbson, da Torcida Eurico Lara.

"Sab como eu me sinto? Como o cara que lutou muito para se formar e está abrindo o seu escritório" TITA

Se Tita se delineia para a torcida como ídolo máximo, para o técnico Valdyr Espinosa e jogadores já aparece como o mais importante integrante da equipe. "Com ele, o Grêmio é um time mais lúcido na passagem da defesa para o ataque. É o homem que dá o tempo ao conjunto; isto é, que sabe o momento de tocar e o de agredir", assevera Espinosa.

De sua parte, Tita retribui os elogios com previsões extremamente otimistas. "Isso aqui está parecendo-me o Flamengo de 1978, quando começou a boa fase: 70% dos jogadores são formados no próprio Grêmio, muitos deles são ótimos, há muito entusiasmo e uma união forte. Ou você pensa que o Flamengo, mesmo com os cobras, teria chegado onde chegou se não houvesse união?" E, como se sentisse uma grande responsabilidade sobre esse ambiente, adota uma atitude antiestrela. Artilheiro? "Não cultivo essa ambição. Vem ao natural. Depende das oportunidades." Seleção? "Não penso. Quero é ter um bom início, me fixar, fazer um bom ano. Seleção é conseqüência de trabalho sério, honesto." Superestrela? "Detesto isso. Se o caminhão estraga, você vai precisar dos 11 para empurrar. Deixe esse trabalho para a estrela, para ver se ele consegue."

Reconhecido em seu talento e perfeitamente integrado no grupo, restaria a Tita sentir-se um mórmon atuante como na Capela da Tijuca, no Rio de Janeiro, onde coordenava atividades esportivas para jovens ao mesmo tempo em que os convidava para conhecerem sua religião. Na realidade, procurar a sua capela (é a da Avenida da Princesa Isabel, no bairro Santana) e oferecer-se ao bispo para trabalhos missionários foi a primeira coisa que fez depois de assinar contrato.

Tita sente-se feliz, basta conversar um pouquinho com ele para sentir. E os gremistas, muito mais com Tita — uma felicidade que é turvada apenas quando lembram de que, embora seu passe esteja fixado em 150 milhões, uma cláusula do empréstimo reserva a Flamengo o direito de não vendê-lo.

"Mas eu não volto para o Flamengo, não", afirma ele. "Se não for para jogar na minha posição, eu não volto. Por que retornar, se finalmente consegui as coisas com que sonhava?"

Essas frases são um alento para a torcida, que nunca tinha visto um jogador vindo do Rio de Janeiro se adaptar tão rápido ao futebol e às coisas do Sul.

Quer dizer, nem todas as coisas. Outro dia, batendo um papinho com a gente na calçada — seu prédio fica a 100 m da sucursal da Abril —, ele dirigiu esta ao fotógrafo Nico Esteves, de PLACAR: "Escuta, Nico, me desfaz uma curiosidade. Chimarrão contém álcool?" ○

No Grêmio, o zagueiro ficou conhecido como o "levantador de taças". Sua passagem pelo tricolor foi extremamente vitoriosa. Com sua raça e boa presença na área, ele foi campeão da Libertadores e do Mundial Interclubes, em 1983, e do Brasileiro, em 1981.

O caudilho quer ir embora

POR DIVINO FONSECA

PARA HUGO DE LEÓN, O LÍDER QUE O CORINTHIANS QUER COMPRAR, QUATRO ANOS NO GRÊMIO JÁ SÃO UM LONGO TEMPO

José Pedro de León era um romântico milionário uruguaio que não dava valor aos prédios e fazendas que herdara. Após dissipar sua imensa fortuna, foi-se dedicar ao jornalismo, primeiro como repórter do *El País*, de Montevidéu, e depois como fundador do jornal *El Loro* ("o Papagaio"), de Rivera, cidade limítrofe da brasileira Santana do Livramento, na fronteira dos dois países. Mas o aventureiro De León logo veria seu empreendimento ir à bancarrota e terminaria seus dias como caixa do cassino da cidade.

Nenhum dos cinco filhos do velho José Pedro, todos homens, puxaria a ele. Muito menos o caçula Hugo Eduardo, que tinha 8 anos quando o pai morreu. "Quando se começa de baixo, tudo é mais difícil, e aí é que se aprende a ter uma vida planejada", filosofa ele. Embora guarde uma lembrança afetuosa do pai, sua vida, ao contrário, já está traçada: encerrada a etapa no futebol uruguaio, finda a sua fase no Grêmio, o último período — "E não necessariamente o próximo", adverte — de sua carreira de jogador há de ser na Europa. Depois, sua existência decorrerá placidamente na imensidão do pampa, entre bois e cavalos.

Nas últimas duas semanas, foi essa imagem de homem frio e calculista que predominou nos sentimentos da torcida do Grêmio e da imprensa engajada, e não mais a do carismático caudilho que comandou o time nas maiores conquistas de sua existência — campeão do Brasil em 1981, vice em 1982, campeão da América e do Mundo em 1983, e vice da América em 1984. Quando De León deixou de se apresentar ao clube no dia 22 passado e telefonou do Rio de Janeiro pedindo dez dias "para tratar de assuntos particulares", o Grêmio inteiro apostou: está forçando a barra para ser vendido ao Corinthians. Ou seja: quer queimar a etapa gremista.

LEMYR MARTINS

Grêmio e, por baixo, Uruguai: as duas camisas que De León mais honrou em sua carreira

Poderia ter sido isso, mas não era. Na verdade, De León celebrava num hotel de Ipanema sua reconciliação com a esposa, Marguerita, com quem tem duas filhas (Lorena, de 4 anos, e Verônica, de 2).

O caudilho ressurgiu em Porto Alegre como um furacão. Foi ao programa Sala de Redação, da Rádio Gaúcha, e, durante 13 minutos, acusou o comentarista gremista Paulo Santana de atirar dirigentes e torcedores contra ele. Rumou para o Estádio Olímpico, onde deixou duas alternativas para a diretoria — descontar em seu salário os dez dias da licença negada ou prorrogar o contrato por igual período. E sumiu na estrada em seu Monza cinza, para gozar o restante da lua-de-mel em Rivera.

Essa colisão entre clube e jogador propiciou a reaproximação de Adílson Monteiro Alves, diretor de futebol do Corinthians, que havia empreendido uma frustrada tentativa de contratação no dia 2 de agosto. "Até o fim da semana, o Grêmio vai receber uma nova proposta", afirmava Adílson, na noite de quinta-feira passada. Contudo, o presidente do Grêmio, Alberto Galia, não se mostrava disposto a ceder. "Se o Adílson disser que aceita nossa antiga proposta, vou responder que ela não é mais aquela. Na verdade, De León se tornou inegociável para o Corinthians desde que lhe fizeram uma proposta, num jantar na casa do Orlando Monteiro Alves, antes de o Grêmio ser consultado", adiantava o irado Galia.

Enquanto Porto Alegre fervilhava em especulações, De León — instalado com a família na casa do sogro, na bucólica Rivera — chegava à conclusão de que tudo isso é resultado do desgaste, por sua vez provocado pelo excesso de tempo no clube. "No primeiro ano de uma nova etapa, tudo é novidade, motivação", diz. "No segundo, ainda vai. No terceiro, porém, vem a rotina. No quarto, não tem mais graça, principalmente quando já se conquistou tudo." Entretanto, ele se recusa a admitir que esteja exercendo pressão e muito menos aceita a pecha de mercenário:

"Não criei caso em dezembro, quando voltei campeão do mundo e meu contrato estava terminando. Acabei renovando pelo que podiam me pagar".

Mercenário? "Não: obstinado. E desde menino", responde dona Maria Angélica, sua mãe, que parentes e vizinhos cha-

A imagem de De León sangrando e erguendo a Libertadores tornou-se um símbolo da sua raça

PEDRO MARTINELLI

mam de "Dona Morocha". "Esta foto de Hugo", comenta, remexendo um álbum, "é quando Rivera ganhou seu único título nacional em jogos estudantis." Pensa-se que se vai ver uma cena de futebol, mas o que aparece é De León aos 16 anos jogando basquete pelo Clube Telégrafo, esporte em que também foi craque. "De poucas palavras, mas comunicativo; amigo de sua turma, mas cumpridor dos seus compromissos; um vencedor", resume Dona Morocha, sobre o líder que criou. Os velhos amigos de Rivera o adoram. Na semana passada, De León forneceu o vinho (mas não bebeu) para um jantar com ex-companheiros do basquete. Antes da festa, Teca, um deles, brincava: "Che, Hugo, no compre más que 50 litros, afinal somos pocos".

Entre os jogadores, De León conquistou liderança não apenas pela técnica e pela raça, mas também pela coragem com que expressa opiniões. Em 1981, pouco depois de chegar, deixou de dar entrevistas à imprensa em solidariedade

"No primeiro ano de uma nova etapa, tudo é novidade, motivação. No segundo, ainda vai. No terceiro, vem a rotina"
HUGO DE LEÓN

ao lateral Uchoa, por considerá-lo vítima de críticas injustas. Em 1982, cortou relações com Leão, em sua opinião um mau colega. Este ano, após uma frustrada discussão sobre gratificações na Libertadores, declarou: "Está instalada no clube a ditadura Nélson Olmedo". Dirigia a farpa ao diretor de finanças, uma espécie de Delfim Netto do Grêmio. Sobre Renato, ele diz: "Na imprensa, há os que elogiam suas grandes atuações, mas calam quando ele comete bobagens; e isso é errado". Apesar de toda a sem-cerimônia com que se movimenta no clube, porém, incluída aí a licença que acaba de se conceder, De León é absolvido por Alberto Galia, que decreta: "Ele nunca cometeu falta grave".

Em Rivera, circulando a cavalo na fazenda, dois dias antes de se reapresentar ao clube, De León cometeu seu único erro. Foi quando declarou: "No quarto ano de clube, o desgaste é tão grande que até o torcedor deseja ver outro no nosso lugar."

Renato 1984

Um dos grandes nomes da história do Grêmio, Renato defendeu o tricolor de 1981 a 86. Com ele em campo, a torcida sabia que teria show. Com suas arrancadas e dribles desconsertantes, ajudou o Grêmio a conquistar a Libertadores e o Mundial de 1983. Fora o que ele aprontou fora de campo...

Renato era fera dentro de campo. Fora dele, arrasava o s corações das torcedoras

LEMYR MARTINS

O fenômeno Renato

POR DIVINO FONSECA

EXPLOSIVO, CRAQUE, CONQUISTADOR (E PERSEGUIDO PELAS MULHERES), O GRANDE CAMISA 7 DO GRÊMIO É UMA DAS SENSAÇÕES DESTA COPA BRASIL

Driblador infernal, meio maluco, capaz de fugir da concentração num dia e voltar espontaneamente para lá em outro, o maior craque revelado pelo futebol brasileiro desde a Copa de 1982 poderia ser uma espécie de Garrincha classe média. Só que ele fascina também as mulheres e guarda mais dinheiro do que gasta. A melhor definição para Renato Portaluppi, ponta-direita do Grêmio, titular de qualquer Seleção Brasileira que se pense em escalar hoje e uma das sensações da atual temporada futebolística, é a de um Falcão com trajetória de vida invertida.

Se Falcão partiu de Porto Alegre para conquistar a Itália, Renato Portaluppi foi da "Itália" para Porto Alegre. Itália, para os gaúchos, é a região da Serra do Rio Grande do Sul, com presença da colônia tão forte, que um guia telefônico de Bento Gonçalves — uma das principais cidades

serranas –, aberto ao acaso, registra até 72 sobrenomes italianos numa só página. Nascido em Guaporé e criado em Bento Gonçalves, Renato levou para Porto Alegre – como fez Falcão quando se mudou para Roma – um amigo de infância que lhe serve de secretário e, claro, a *mamma*, de quem é o décimo-quarto filho.

De todo modo, ninguém no futebol brasileiro se aproxima mais da imagem que se faz dos italianos do que Renato, que é expulso numa decisão de campeonato (o Gaúcho de 1982, aos 27 minutos) e não pára de receber cartões amarelos. Que, às vezes, promete nunca mais jogar no Grêmio e é sempre quem mais luta em campo. Diz que odeia o técnico e depois vai chorar abraçado a ele. "Talvez ele mostre esse belo futebol justamente por ter a cabeça assim, arrevezada", arrisca o ex-técnico gremista Valdyr Espinosa, que o lançou para a fama definitiva em 1983, ano em que o seu time ganhou o Campeonato Mundial Interclubes, em dezembro, graças a dois gols de Renato.

Com o tempo, os dirigentes do Grêmio chegaram à conclusão de que o maior craque do time merecia um tratamento que levasse em consideração seu temperamento. Em vez das rebeldias, os cartolas preferem relembrar as ocasiões em que o ponta-direita os emocionou com atitudes inesperadas. Como aquela, da época em que os seus dribles freqüentavam menos as páginas dos jornais gaúchos do que as notícias de sua desenfreada vida noturna, quando Renato irrompeu no gabinete do então presidente Fábio Koff. Faltavam três dias para a semifinal da Taça Libertadores e o craque implorou para ser internado na concentração. "Mas manda encher a geladeira de refrigerantes", pediu, "porque vim passar uns dias descansando e sem beber nada não dá." Renato acabou com aquele jogo – contra o Estudiantes de La Plata – e, logo depois, como um dos heróis da conquista do título sul-americano, após a final contra o Peñarol, permitiu-se festejar enfiando um balde na cabeça do presidente, um circunspecto juiz de Direito; Koff respondeu com um afetuoso abraço e justificou: "É uma criança espontânea."

"Ele pode dar trabalho, mas que diferença das outras estrelas que passaram por aqui!", animava-se na semana passada o presidente atual do Grêmio, Alberto Galia, ao acompanhar da arquibancada do Estádio Olímpico o esforço de Renato que, debaixo da chuva, permaneceu durante 25 minutos em campo ao final do treino para praticar cobranças de falta. Pela disposição com que se exercitava, nem parecia ter acabado de sofrer uma decepção: queria de todo jeito participar das manifestações públicas em Porto Alegre favoráveis às eleições diretas, mas dessa vez a diretoria do Grêmio disse não. A explicação dos dirigentes foi a de que ele se tornara símbolo internacional do clube, depois dos gols marcados na decisão do Mundial contra o Hamburgo, em Tóquio. Assim, permitiu-se que outros jogadores, como o

"Ainda sinto a falta dele. Talvez por isso eu procure me relacionar com os técnicos como se eles fossem meu pai" RENATO

goleiro João Marcos e o lateral-direito Raul, fossem ao comício no último dia 13. Mas a presença de Renato no palanque da oposição, raciocinou-se, poderia desagradar seu mais poderoso torcedor: o influente ministro chefe da Casa Civil, Leitão de Abreu, ex-presidente do clube.

Em campo, porém, Renato esquecera-se de tudo e seguia praticando as faltas, comemorando cada gol marcado como se fosse num jogo de verdade. Ele é apaixonado pelo futebol, e se empenharia com o mesmo prazer se ainda fosse tempo do futebol amador no Brasil. Renato, entretanto, faz parte da geração mais profissionalizada, e as novelas que protagoniza na época de renovação do contrato são dignas de horário nobre. Em setembro passado, ele não imaginava a supervalorização que viria com o título mundial e antecipou em três meses a renovação. Deu-se mal. Numa época de inflação recorde, assinou por dois anos, o que nenhum jogador faz mais. Ficou recebendo apenas 1,8 milhão por mês, muito menos que outros craques nacionais de menor brilho.

"Futebol não dá dinheiro", decretava o pai Francisco. Para ir a Porto Alegre, a 125 km de casa, e fazer um teste nos infantis do Internacional, seu time do coração na época, precisou levantar-se de madrugada escondido e receber a roupa pela janela, passada pela mãe. Entre todos os irmãos, Renato recorda que era o que mais apanhava do pai, mas até a morte de seu Francisco, de um derrame cerebral, três anos atrás, sempre soube que era também o mais amado. "Ainda sinto a falta dele", confessa. "Talvez por isso eu procure me relacionar com os técnicos como se eles fossem meu pai." Valdyr Espinosa, que o indicou para os juvenis do Grêmio quando era técnico do Esportivo, em 1980, foi um deles. Em 1983, trabalharam duro e festejaram juntos o Campeonato Mundial. Por isso, quando o Grêmio recusou-se a renovar o contrato de Espinosa, em dezembro, preferindo em seu lugar o sisudo Carlos Froner, Renato reagiu como se fosse a substituição do pai por um padrasto. "Tenho ódio desse velho", chegou a dizer.

Pouco depois, o velho já era o "titio". Recentemente, após um jogo em que Froner foi chamado de burro pela torcida, o "sobrinho" se retirou para a concentração e chorou de pena.

Ao lado desse temperamento emotivo, está exposta outra faceta da personalidade de Renato, aliás a que ele mais aprecia em si mesmo: a de galã. "Ah, sim, meu filho é

SÉRGIO SADE

Renato infernizava a vida de seus adversários. Com ele em campo, a festa estava garantida

um festeroso terribile", concorda dona Maria, ainda cúmplice, apesar de adorar a futura nora, a doce Maristela, de 22 anos, com quem Renato pretende casar um dia. Quando? "Quando eu estiver mais assentado", responde, rapidamente. "Amo a Maristela, mas se me casasse hoje não duraria um mês."

O galã não é bobo. Engana-se quem pensa que junto com as energias vai o dinheiro que ganha. "Preciso aproveitar a vida", justifica-se o jogador. "Mas quem, na minha situação, não faria o que eu faço?" Boa pergunta. Em sua sala, o presidente do Grêmio, Alberto Galia, suspira com ar paternal: "Bonito, jovem, dinheiro à vontade, jogando uma barbaridade – para ser equilibrado, só sendo louco".

Com seu jeito simples e seu futebol arisco, Valdo conseguiu um lugar de destaque no coração da torcida gremista. No comando do tricolor, que defendeu de 1984 a 88, ele conquistou o tetracampeonato gaúcho, em 1985, 86, 87 e 88, e ajudou a apelidar o time de "Grêmio Show".

Valdo é simplesmente um craque

SIMPÁTICO, SOSSEGADO, TÍMIDO: O SUCESSO NÃO SUBIU À CABEÇA DO ÍDOLO GREMISTA

POR ÁLVARO ALMEIDA

Na noite de quinta-feira passada, dia 23, o descuidado Valdo Cândido Filho saiu de sua casa no bairro de classe média Menino Deus, perto do Estádio Olímpico, em Porto Alegre, e deu alguns passos até o Passat branco. Ao girar a chave na porta, sentiu a aproximação de três vultos, que surgiram pelas suas costas. Foi empurrado para o banco de trás e embarcou numa aventura muito mais tensa entre todas as que enfrentou até hoje nos gramados.

Valdo — o ídolo do Grêmio tricampeão gaúcho reconvocado para a Seleção Brasileira que disputará os Jogos Pan-Americanos, nos Estados Unidos — era mais uma vítima do que, na linguagem policial, é definido como "assalto com seqüestro". Durante meia hora, ele percorreu dezenas de ruas da capital gaúcha sob a mira de uma espingarda calibre 12 de cano cerrado. Os assaltantes — na verdade três garotos — custaram a perceber que a vítima era o maior astro do futebol gaúcho. "Somos gremistas", lembrou um deles ao identificá-lo. "Vamos ficar só com a aliança e a correntinha." Desembarcaram num bairro distante e deixaram o craque voltar para casa em seu próprio e intacto carro. "Nasci de novo", suspirava Valdo ao prestar queixa à polícia.

FOTOS NICO ESTEVES

O incidente, que poderia ter conseqüências mais trágicas para qualquer outra pessoa, serve contraditoriamente para dar a dimensão do prestígio desse catarinense franzino de 23 anos junto aos torcedores. Ele é assim mesmo: simples, sorridente e atencioso. O craque está sempre disposto a um papo e não toma os cuidados indispensáveis a um superastro.

Portas abertas

A simplicidade começa por sua casa. Lá, as portas são invariavelmente risonhas e francas. Há freqüentadores assíduos que não pertencem à família. Daniel Silva, 8 anos, o entregador de jornais, passa diariamente pelo portão e alcança a campainha sem ser incomodado. Às vezes, seu gesto funciona como um despertador para o ídolo, que gosta de dormir até tarde. O pequeno Daniel não vê barreiras entre ele e o atleta famoso. O fenômeno, aliás, não é único. Reflete um comportamento mais amplo de Valdo com todos os seus admiradores.

No último Pré-Olímpico, realizado em abril, na Bolívia, sua simpatia destacou-se antes do brilhante futebol. Ainda na fase de treinamentos, ele ganhou o apelido de "Véio Zuza" — uma alusão ao amável macumbeiro de cabelos brancos criado por Chico Anysio na televisão. Nem mesmo a ascensão fulminante chega a perturbá-lo.

O inquieto Valdo dos gramados se transforma numa figura serena e caseira longe dos estádios. Gasta o tempo livre com a filha Thatielle, de 2 anos, e na frente da televisão, saboreando uma novela ou um filme de guerra no videocassete. Nos momentos de trabalho — treinos, concentrações e jogos —, o ponta vira uma espécie de líder. Um discreto aglutinador. O preparador físico Bebeto, do São Paulo e da Seleção Brasileira, é um de seus fãs ardorosos. "Ele não é o tijolo numa construção, mas, sim, o cimento", filosofa. "Une todas as partes."

Eis aí um mocinho digno de grandes batalhas cinematográficas. Unindo equipes e encantando platéias com um futebol mágico e arisco, não precisou de muito tempo para se transformar numa unanimidade aos olhos dos torcedores. Nada mau para quem, seis anos atrás, ainda fazia um curso de eletrônica na pequena Siderópolis, cidade catarinense em que nasceu, localizada a 150 km da capital Florianópolis. Trocou os emaranhados de fios por uma chance no Figueirense e, mais tarde, o Grêmio em 1982 e a Seleção Brasileira, no ano passado.

Ainda assim, ele convive pacificamente com a fama. Valdo tem uma paciência tibetana com todo mundo.

"Já fui da torcida", justifica. Verdade: em 1982, quando o Flamengo foi ao Rio Grande do Sul para enfrentar o Grêmio, ele se armou de papel e caneta para lutar por um autógrafo de Zico, Adílio, Nu-

No Grêmio, o jovem talentoso pôde mostrar sua categoria – e sua calma: foi, talvez, o primeiro jogador a sofrer um seqüestro-relâmpago. E manteve a calma

nes e Lico – seus heróis de então. "Isso não custa nada e pode realizar o sonho de muita gente", explica.

Coração em perigo

Dias depois da conquista do tri, façanha que o Grêmio perseguia há 23 anos – curiosamente a mesma idade do craque –, um torcedor abordou-o no centro de Porto Alegre. Sacou do bolso uma receita do Instituto de Cardiologia e, num misto de alegria e desespero, desabafou: "Vocês ainda me matam do coração".

A mesma sensação é sentida muitas vezes pelo jornalista Paulo Sant'Ana, um fervoroso gremista que compara Valdo a Didi. Ele garante que no Rio Grande do Sul existe um respeito quase reverencial pelo jogador. "Os adversários não usam violência contra ele", diz. Aírton, volante do Inter que costuma marcá-lo de forma implacável, compartilha da observação. "Ele é gente finíssima", elogia. "Ninguém pode assumir a responsabilidade por machucá-lo."

"Ele não é o tijolo numa construção, mas, sim, o cimento. Une todas as partes da equipe em campo" BEBETO, PREPARADOR FÍSICO

Valdo não guarda ressentimentos. Na Copa do Mundo de 1986, não foi aproveitado por Telê Santana, mas julga ter assimilado grandes lições. "Estar numa equipe da geração de Zico e Sócrates já é uma honra." Sua honra, no entanto, veio na excursão da Seleção Brasileira em maio último pela Europa e Israel. O Benfica ofereceu 1 milhão de dólares por seu passe, proposta não aceita pelo Grêmio.

O próprio jogador pretende esperar um pouco mais. "Quem não quer ganhar em dólares?", indaga. Contudo, prefere permanecer mais dois anos no clube. "Tudo o que sou, devo a essas três cores", reconhece, ao posar ao lado de uma bandeira azul, branca e preta no Olímpico.

Ele vai ficando. Os amigos dizem que uma de suas características é se apegar com facilidade a tudo que o cerca. Dono de um sobrado num condomínio fechado no elegante bairro de Ipanema, na zona sul da capital gaúcha, o craque insiste em viver em sua atual e discretíssima casa. Ali, quando o portão da garagem está aberto, é possível vê-lo no quintal ao lado da filha e da mulher Roselene, com uma latinha de cerveja na mão e empenhado em preparar um churrasquinho familiar. Como se nunca tivesse saído de Siderópolis.

Irmão mais velho do craque Ronaldinho Gaúcho, Assis foi uma das maiores promessas de craque da história do futebol. Mesmo não tendo confirmado tal prognóstico, ele ajudou o Grêmio a conquistar a Copa do Brasil de 1989, além do bicampeonato estadual de 1989/90.

Nasce uma estrela

O GRÊMIO APOSTA NO FUTEBOL DE UM MEIA GURI, LHE DÁ UM CONTRATO DE GENTE GRANDE E O IMPEDE DE IR PARA A ITÁLIA

POR ÁLVARO ALMEIDA

Pode o garoto de uma preliminar despertar mais interesse do que os craques profissionais de um Grêmio x Corinthians? Roberto de Assis Moreira, um moleque de 17 anos e dribles desconcertantes, provou que sim.

O episódio aconteceu na noite de 19 de novembro do ano passado. Quem chegou cedo ao Estádio Olímpico saiu maravilhado diante do futebol do camisa 10 dos juniores do Grêmio. Com um desempenho cheio de brilho, o meia-esquerda Assis ajudou o tricolor a conquistar o título estadual da categoria, arrancando aplausos entusiasmados dos poucos privilegiados ali presentes.

Olheiros italianos

Aquela noite mudou a vida do jovem Assis e desencadeou uma série de acontecimentos que acabaram por transformá-lo na maior esperança gremista para este fim de década. Nos três meses seguintes, o garoto colecionou façanhas inimagináveis para um jogador de sua idade: a faixa de campeão júnior chegou exatamente uma semana após ter conquistado a dos juvenis. Então com 16 anos, disputou os dois campeonatos simultaneamente.

E o mais incrível ainda estava por vir. Nas cadeiras especiais, dois atentos observadores do Torino, da Itália, acompanharam aquela histórica partida e chegaram a uma conclusão: seria ele, Assis, o sucessor de Júnior no time. Cinco dias depois, bastante assustado, o jogador embarcava para um estágio de 15 dias naquela que é uma das principais equipes italianas. De volta a Porto Alegre, assinou seu primeiro contrato profissional com o Grêmio, com números tão espetaculares quanto seu talento: uma casa nova, avaliada em 4,6 milhões de cruzados, mais luvas de 1,4 milhão e salário de 80 000 mensais. Total: 580 000 cruzados por mês, pouco menos do que os 600 000 oferecidos ao já consagrado craque Valdo e muito mais do que os 450 000 que recebe o centroavante Lima. Desse jeito, o Grêmio conseguiu fazê-lo desistir das mordomias e dos 50 000 dólares — cerca de 3,5 milhões de cruzados — que receberia no Torino.

FOTOS LEMYR MARTINS

Assis pintou como um grande craque no Grêmio, conquistando a Copa do Brasil em 1989

Falando sério

Hoje, da Itália, ele guarda apenas uma camisa do time de Turim, alguns recortes de jornal e as lembranças das tabelas com o austríaco Polster — o mesmo que disputa a artilharia do Calcio Italiano com Maradona e Elkjaer.

"É muito fácil jogar lá. Tu ó, e eles passam lotados", brinca, imitando uma ginga de corpo.

Na hora de falar sobre o futuro, entretanto, ele deixa de lado a irreverência e assume uma postura que surpreende pelo equilíbrio e coerência. "Não esperava uma ascensão tão rápida", analisa. "Sei que agora tudo será conseqüência de meu trabalho entre os profissionais."

O sucesso mudou sua vida — e a da família. Enquanto se preparam para a mudança de endereço, eles vão se despedindo da velha casa de madeira em que moram, na Vila Nova, um bairro pobre e distante 18 km do centro de Porto Alegre. O pai, João, trabalha como porteiro no Olímpico em dias de jogo, enquanto a mãe, Miguelina, é servente da prefeitura. O irmão Ronaldo, 7 anos, é para Assis o "verdadeiro craque da família". Daisi, a irmã, 12 anos, sonha com a decoração do quarto novo.

A felicidade será completa quando Assis fizer 18 anos e ganhar o carro que o Grêmio lhe prometeu. Mas ele sabe que tanta atenção tem um preço. "Estou me preparando para este novo desafio", diz ele, que afirma ter plena consciência de que a cobrança da crítica e dos torcedores será grande depois do belo contrato que assinou.

Recém-chegado da Seleção Brasileira de Juniores, que disputou o Torneio da Amizade, em Portugal, ele sonha em participar da Copa do Mundo da Itália: "Quero estar na Seleção de 1990, mesmo com 19 anos".

Antes, ele conta com a boa vontade do treinador gremista, Otacílio Gonçalves, para mostrar seu futebol. "Se o menino realmente for craque, joga, independentemente de idade", garante Otacílio.

Agora, a palavra está com Assis. Ou melhor, em seus pés. Afinal, se ele pensa mesmo em seguir os passos dos ídolos Valdo, Zico, Maradona e Pelé, precisa mostrar que esta nova estrelinha do futebol brasileiro não perderá o brilho no meio do caminho.

"Quero estar na Seleção de 1990, mesmo com 19 anos"

Reconhecido como exímio cabeceador e dotado de um oportunismo incomum, apesar de não ser muito habilidoso, Jardel marcou gols de todas as formas e ajudou o Grêmio a conquistar a Libertadores de 1995 e o bicampeonato Gaúcho de 1995/96.

Jardel na cabeça

ELE É UMA PIADA. OS GREMISTAS, BRINDADOS COM SEUS GOLS, NÃO PARAM DE RIR HÁ DOIS ANOS. OS ADVERSÁRIOS O CONDIDERAM UMA PIADA DE MAU GOSTO

POR SÉRGIO GARCIA

Em qualquer biografia confiável de Jardel, o mote obrigatório deve ser a cabeça do atacante. A face externa dela tem sido a responsável pela maior parte dos mais de 140 gols da sua carreira. O próprio jogador estima que 80% das vezes que marcou o fez em cabeçadas. Em campo, parece que suas pernas e pés são apenas o arrimo da esfera superior do corpo, nada mais que isso. Mas a parte interna da cabeça de Jardel é igualmente interessante. Ela é a fornalha de frases mirabolantes, de provocações e de tiradas de humor que nem sempre são intencionais. Campeão e artilheiro continental em 1995, curiosamente o artilheiro de 22 anos ainda não é um ídolo nacional. "Se tivesse feito no Flamengo ou no Corinthians o que fiz aqui, tenho certeza de que já estaria há muito tempo na Seleção."

Mas o atacante ainda não perdeu as esperanças de conseguir um assento no vôo que levará o escrete de Zagalo para a França na Copa de 1998. Apesar de o Grêmio fazer o possível e o impossível para que ele fique no Olímpico, o mais certo é que Jardel ganhe uma vitrine mais vistosa, jogando no Corinthians ou em algum clube da Espanha. Jardel é um jogador nas alturas desde que trocou o Vasco pelo Grêmio, no começo do ano passado. A rotina de gols e títulos não mudou com troca de endereço. No Vasco, em quatro anos ganhou seis títulos. No Grêmio, em um ano foi campeão gaúcho e da Libertadores no ano passado. Se em 1996 seus gols não foram suficientes para levar o Grêmio às finais da Copa do Brasil e da Libertadores, pelo menos na decisão do Gauchão Jardel mostrou com quantos lances de oportunismo se faz um verdadeiro matador.

ÉDISON VARA

Cena manjada nos tempos de Grêmio: Jardel comemorando gols, mostrando a camisa

A explosão de Jardel começou quando ele compreendeu o enigma do futebol gaúcho. Seriedade e força física são quase tão importantes para o jogo quanto a bola. Lá, treino é jogo, jogo é guerra, e guerra é marcação. O atacante que, no Vasco, ficava paradão lá na frente, virou um jogador mais moderno no Sul. "Estou melhorando com a bola no chão." Era natural que Jardel chamasse a atenção do futebol escocês, onde os torcedores estão habituados a olhar mais para o alto do que para o gramado. No fim do ano passado, o Glasgow Rangers comprou o passe do atacante. Mas a burocracia impediu seu ingresso no futebol de lá. É que os escoceses dão preferência — ou melhor, davam, pois a legislação foi alterada — a jogadores estrangeiros que tenham participado de 75% das partidas da Seleção principal do seu país. Como ele nunca foi convocado... "Tenho certeza de que a minha convocação está mais perto do que longe", diz, numa legítima afirmação jardelina.

Jardel nasceu em Fortaleza, mas não saiu como a maioria dos cearenses: mede 1,86 m e pesa 80 kg. No Grêmio, desbanca o loirinho, com pinta de surfista, Paulo Nunes. Virou galã e conseguiu a façanha de fisgar e casar, em 1995, com uma ex-capa de *Playboy*, a modelo Karen Matzenbacher. O apartamento do casal, em Bela Vista, é decorado com pôsteres de Karen nua. "Se ela receber uma boa proposta para posar nua novamente, não há por que me opor", diz. O atacante conheceu a modelo na entrega do troféu aos melhores do Gauchão do ano passado. Por ser a artilheira de um time de modelos, coube a ela entregar o prêmio ao goleador. Foi um prêmio para ele. No dia seguinte, conseguiu o telefone da moça. Uma semana depois Karen era uma companhia, duas semanas após, sua namorada. Casados há sete meses, eles pouco saem à rua. Idas a shopping tornaram-se inviáveis pelo assédio. Ainda vão ao cinema, mas procuram entrar com a luz apagada. Nem numa sala escura, porém, deve ser difícil reconhecer aquele sujeito grandalhão e desengonçado. Seu maior sonho, de ser pai, já é realidade. Karen está no sexto mês de gravidez. Em outubro, dará à luz um menino. O nome? "Jardel Filho", responde. Certamente, vem mais um artista por aí.

PEDRO RUBENS

"Se tivesse feito no Flamengo ou no Corinthians o que fiz aqui, tenho certeza de que já estaria há muito tempo na Seleção"

Posando para a PLACAR, com o calção folgado: além de tudo, Jardel curtia uma brincadeira

Com seu jeito truculento, Luiz Felipe conseguiu se impor no Grêmio; conquistou jogadores e torcedores e levou o tricolor gaúcho a importantes títulos. Na época da matéria, ele já estava à frente do Palmeiras, mas o "estilo Felipão" foi forjado no Olímpico, como se percebe abaixo.

Felipão é um paizão para os seus comandados

PISCO DEL GAISO

O doce bárbaro

AOS BERROS, FELIPÃO CONQUISTOU A COPA DO BRASIL. MAS, EM CASA, ELE LAVA A LOUÇA E NÃO TIRA O BIGODE PORQUE A MULHER NÃO DEIXA

POR CHRISTIAN CARVALHO CRUZ

Que os machões do pampa não ouçam, mas Luiz Felipe Scolari é um gaúcho que chora. E não por causa de uma emoção irrefreável como aquela que bateu nos minutos finais do jogo contra o Cruzeiro, na decisão da Copa do Brasil. Ali eram lágrimas de alegria. Mais; de desabafo. O gol de Oséas a dois minutos do término do jogo livrou o técnico do Palmeiras de um fardo de críticas que lhe ardia nas costas desde o fiasco do Campeonato Paulista. Teve cronista esportivo deixando escapar que torceria contra o Palmeiras até que Felipão deixasse o comando.

A antipatia da imprensa se explica: seu jeitão mal-educado espantou quem estava acostumado com o bom-mocismo de Márcio Araújo, seu antecessor, e de outros técnicos "simpáticos", que apreciam a luz de um holofote, como Vanderlei Luxemburgo. Scolari não gosta de falar com a imprensa. O faz com paciência, mas por obrigação. E, com suas respostas atravessadas, criou um folclore em torno de si.

Gaúcho de Passo Fundo, 49 anos, casado há 24 com a professora Olga Scolari e formado em Educação Física, Felipão ganhou fama de rude, disciplinador, exigente, boca-suja e sargentão (apelido que

odeia). Adepto do "quem manda aqui sou eu", é capaz de enclausurar o time inteiro em intermináveis concentrações. Para isso, basta desconfiar que tem jogador caindo na gandaia. "Se tu chegas de manhã e o cara te olha meio de lado, é porque ele estava festando à noite", ensina. "Então, a gente concentra três dias antes do jogo." No Sul, Felipão cuidava de tudo. Até da reconciliação do lateral Roger, do Grêmio, com a namorada. "Aquilo estava prejudicando o futebol do guri", explica.

É por isso que, aos olhos de algumas pessoas, o gauchão acaba se tornando um sujeito dócil. No Criciúma, pelo qual foi campeão da Copa do Brasil de 1991, pagou a premiação dos jogadores do próprio bolso.

"Tudo o que tenho hoje devo ao Felipão", agradece o meia Cuca, ex-jogador do Grêmio e do Palmeiras. Em 1987, Cuca e três outros companheiros se envolveram numa acusação de estupro durante uma excursão do Grêmio à Suíça. A diretoria Tricolor já havia decidido pelo seu afastamento, mas Scolari foi mais macho. Intercedeu pelo jogador e o escalou para o primeiro jogo do campeonato. Naquele dia, Cuca fez os quatro gols do chocolate que o Grêmio enfiou no Caxias. "O que causa estranheza é o nível de exigência que ele impõe", observa o ex-jogador. Uma vez, reservas e titulares do Grêmio se arrastavam num modorrento coletivo. Como o placar mostrava um eterno 0 x 0, Felipão perdeu a paciência. "Ninguém vai para casa enquanto não sair um gol", gritou. Os reservas marcaram quando o sol já havia se posto. Os mosquitos castigavam a pele. Quando todos estavam exaustos e sedentos, o treinador voltou a atacar: "E os titulares não vão beber um gole d'água".

Lágrimas no cinema

Mas é só chegar em casa para Scolari guardar as bombachas no armário. Lava a louça de todo o jantar e até liberou o filho Leonardo, de 15 anos, para usar brinquinho. "Quem manda, mesmo, é a minha nora. Ela é mais gritona. Com a Olga, o Felipe não tira farinha", entrega dona Cecy Scolari, de 75 anos, a mãe do técnico. A autoridade da mulher pode ser conferida no rosto de Luiz Felipe. São 30 anos cultivando o bigodão já grisalho. Só o raspou uma única vez, e Olga ficou uma vara. "Durão, o Felipe?", espanta-se o delegado gaúcho e amigo íntimo da família, Bem-Hur Marchiori. "Um sujeito que assiste ao "Ghost" duas vezes e chora nas duas... eu diria que é delicado demais!"

Outro grande amigo, o técnico Valmir Louruz, do Yokohama Flügels, do Japão, confirma a fama de chorão. Ele conta que, em 1983, Felipão era zagueiro do CSA, de Alagoas, e disputava um campeonato péssimo. Certo dia, Scolari chegou dizendo que ia embora, pois se sentia mal em ser pago para não trabalhar direito. "Ele até chorou no meu ombro, mas concordou em ficar", lembra Louruz.

Quem não se comove com tanta bondade é o ex-técnico Telê Santana. Apreciador do futebol bem jogado, Telê ajudou a criar a imagem de violento de Scolari —

"Zagueiro não pode ser bonzinho. Tem que saber puxar a camisa, pisar no pé, empurrar, como fazem Mauro Galvão e Gottardo"
LUIZ FELIPE SCOLARI

motivo pelo qual foi chamado de caduco pelo treinador gaúcho. "Não adianta ele ganhar títulos e mais títulos. Isso não apaga nada. Eu o vi jogar e o vi comandar um time. Toda a violência que usava quando zagueiro, ele repete nos clubes que dirige", aborrece-se Telê. De fato, Felipão incorporou como ninguém a figura do "beque de fazenda". Nas décadas de 70 e 80, vestindo as camisas do Aymoré, Caxias, Juventude, Grêmio e CSA, apavorou atacantes com seu estilo de muita força e pouca técnica. Talvez por isso não goste de defensores "leves". "Zagueiro, para mim, não pode ser bonzinho", diz. "Tem que saber puxar camisa, pisar no pé, empurrar, como fazem Mauro Galvão (Vasco) e o Gottardo (Cruzeiro)."

Seu inimigo número 1, no entanto, é a imprensa paulista. Scolari agrediu com um soco no rosto o repórter Gilvan Ribeiro, do jornal *Diário Popular*, e terá de responder na Justiça pelo seu gesto bruto. Nem assim demonstra arrependimento. "Que agressão, que nada, aquilo foi só um empurrão", diz. "Será que o problema é mesmo nosso?", questiona o jornalista Anelso Paixão, de *A Gazeta Esportiva*, que já teve um pedido de entrevista negado por Felipão. "Se fosse um ou outro colega... Mas ele brigou com todo mundo." O fato é que, desacostumado a pressões, Luiz Felipe se assustou com a imprensa de São Paulo. No seu Rio Grande, as coisas eram mais brandas. No primeiro mês em São Paulo, Scolari telefonou para a irmã mais velha reclamando da dificuldade de trabalhar na cidade. Ao que Cleusa, de 53 anos, que já teve o nariz golpeado por um safanão do maninho, respondeu: "Não te queixes, Felipe. Largaste o Japão por um bom ganho. Te agüentes aí."

No bar do Elias, nem morto

Scolari vai se agüentando. Não simpatiza muito com a paulicéia, sai pouco de casa e, quando sai, repete os passeios. Só ao Instituto Biológico do Butantã já levou os filhos duas vezes. Visita também algumas cantinas italianas, onde degusta vinho tinto e queijo gorgonzola. No ano passado, animou-se quando ganhou um convite para ver o show do maestro Ray Coniff. "Bá, mas é claro que eu vou! Já perdi o The Mamas and the Papas", entusiasmou-se. Onde não vai de jeito nenhum é ao Bar do Elias, tradicional reduto de corneteiros alviverdes que fica ao lado do Parque Antártica. "Sei onde é e lá não passo nem na frente, não sou

EDISON VARA

Felipão e seus jogadores – ou filhos – posando para o sonho de "conquistar o mundo"

doido", afirma Felipão. É bom mesmo.

O dia em que mudar de idéia, pode dar de cara com o cineasta Ugo Giogertti, palmeirense da velha guarda, e aí estará feita a confusão. "Esse cara desvirtuou toda a história do clube. Eu gosto do Palmeiras que sempre deu espetáculo, dos tempos do Ademir da Guia. O Felipão me fez perder o tesão de sentar numa arquibancada e torcer pelo meu time querido", fustiga o cineasta. Mas Giorgetti não é Mustafá Contursi, o presidente, e este, sim, que tem poder para decidir o destino do Verdão, está satisfeitíssimo. "Os tempos da Academia acabaram, o Palmeiras agora joga para ganhar títulos, não para fazer bonito", empolga-se Contursi, quase lascando um tchê no final da frase. ◘

Embora seu relacionamento com os dirigentes e a torcida gremista tenha ficado estremecido, Ronaldinho é inegavelmente um dos maiores talentos surgidos no Grêmio. Com seus dribles imprevisíveis e sua visão de jogo, ajudou o clube a conquistar a Copa Sul-Minas e o Estadual de 1999.

FOTOS EDISON VARA

Olhe bem, preste atenção: Ron aldinho vai provocar algum estrago na defesa adversária

Quanto vale o show?

POR JOSÉ ALBERTO ANDRADE

NÃO É FÁCIL RECUSAR 60 MILHÕES DE REAIS. MAS OS GREMISTAS DESCONFIAM QUE MANTER RONALDINHO PODE RENDER MAIS

Era um jogo besta de sábado, desses que o torcedor lembra no final do dia. "O time jogou hoje? Quanto será que foi?" Terceira rodada do Brasileiro, Vitória x Grêmio, em Salvador. Valia apenas 3 dos 63 pontos em disputa na primeira fase do campeonato. Na manhã do domingo, porém, uma multidão esperava no aeroporto de Porto Alegre o Grêmio, que vencera o adversário baiano por 2 x 0.

A explicação para esse estranho fenômeno tem nome, sobrenome e apelido. Ronaldo Assis, o Ronaldinho, é o motivo pelo qual a torcida se comportou como se o time tivesse conquistado a sua terceira Libertadores. Tudo porque, na partida contra o Vitória, o garoto quase marcou um gol de placa, fez um de pênalti, deu passe para o segundo, driblou, encantou até o torcedor adversário.

Fatos como esse levaram o Grêmio a inverter a lógica financeira. Quando se tem um craque em alta no Brasil, é hora de vendê-lo. Ronaldinho pintou e bordou com a camisa da Seleção, o mundo viu as suas estripulias. Empresários oferecem 30 milhões de dólares (60 milhões de reais) para colocar o jogador em um clube italiano não revelado. Então está na hora de passar o moleque nos cobres, certo? Talvez não.

O Grêmio ainda não conseguiu botar a conta no papel, mas está desconfiado que é mais negócio manter Ronaldinho e fazer com que ele produza uma receita igual ou maior do que o valor de seu passe. Afinal, com um craque na equipe, crescem as rendas e o clube pode retornar à trilha das conquistas internacionais, multiplicando as cotas para amistosos. O projeto ainda dá os primeiros passos e o próprio Grêmio é cauteloso para relacionar o sucesso das recentes promoções com o novo craque. Não há, no entanto, como negar que iniciativas foram influenciadas pelo fenômeno Ronaldinho. No dia 23 de agosto, foram leiloados dois camarotes no Estádio Olímpico. Ronaldinho, como atração do leilão, esteve presente durante toda a venda, enquanto seus companheiros se recolheram à concentração. Por um período de um ano, os dois camarotes foram vendidos por 66 000 reais. E o Grêmio ainda tem mais quatro camarotes para serem oferecidos após algum show de Ronaldinho no Brasileirão.

Após o Campeonato Gaúcho, uma campanha de sócios foi colocada na rua. Até agora 10 000 pessoas já aderiram, pagando uma mensalidade de 20 reais cada. São mais 200 000 por mês. O Grêmio tem um plano de sorteios ao estilo Raspadinha. Recebia líquido por mês aproximadamente 200 000 reais. Lançou então a série Ronaldinho, há um mês. Com a foto do craque nas cartelas (cada uma a um real), a venda cresceu mais de 40% e a arrecadação já está na casa dos 300 000.

A TV já alterou o calendário gremista para transmitir mais jogos no Brasileiro. Cada partida vale para o clube um "plus" de 180 000 reais. Assim foi contra o Vitória e o Juventude. Outros jogos devem ser alterados. As vendas de camisas cresceram, embora não haja um cálculo de faturamento. O que já se tem é a necessidade da fornecedora colocar no mercado mais camisas 10 ou 21 (número de Ronaldinho na Seleção, na Copa América, e no Grêmio, na Mercosul). Por enquanto, a camisa é a única identificação de um produto relacionado ao jogador. Uma linha Ronaldinho ainda está na fase de planejamento.

A imagem dele, exceto em fotos, só pode ser vista através de uma enorme bandeira, que não está a venda, da torcida Garra Tricolor. O comparecimento ao estádio cresceu. As comparações com o ano passado são impróprias pois no início do Brasileiro de 1998 o Grêmio passou por uma fase muito difícil, ao contrário de agora, quando a explosão de Ronaldinho coincide com um time campeão regional e que teve bom início no nacional. Contudo, comparar o público das estréias na Copa Mercosul dá uma idéia aproximada. Sem o fenômeno, no ano passado, 14 000 pessoas foram ao Olímpico ver o jogo contra o River Plate da Argentina. Em 1999, mais de 20 000 pessoas assistiram à vitória contra o também argentino Independiente, jogo que marcou a volta do jogador da Seleção Brasileira. Num cálculo simples, o percentual de crescimento é de mais de 30%. Talvez não seja exagero creditar a Ronaldinho

> **"Este rapaz vai atrair muito dinheiro"**
> UMA VIDENTE, SOBRE O FUTURO DE RONALDINHO

Mesmo com seu corpo franzino, Ronaldinho deixava seus marcadores no chão com dribles imprevisíveis e jogadas de efeito

uma receita extra de mais de 500 000 reais por mês (novos sócios + crescimento na arrecadação de sorteio + venda de camarotes + jogos-extras televisionados). O Grêmio, todavia, desafia os matemáticos do futebol e da economia a calcularem qual seria a defasagem se não houvesse um fenômeno no Estádio Olímpico, alguém que pode valer muito mais do que os milhões de dólares já recusados pelo seu passe.

O Grêmio está enchendo os cofres graças a Ronaldinho. Mas a recíproca também é verdadeira. Não estava errada a bruxa Berkana, taróloga de Porto Alegre, quando num programa de rádio na véspera da final do Campeonato Gaúcho abriu para Ronaldinho uma carta na qual aparecia um baú repleto de moedas de ouro. A vidente, espantada, afirmou: "Mas este rapaz vai atrair muito dinheiro!!!" O que hoje parece óbvio e real, na época ainda corria o risco de não se confirmar, especialmente vindo a previsão de alguém que não sabe diferenciar um arremesso lateral de um tiro de meta. Com bruxarias ou não, Ronaldinho virou fenômeno e está rendendo como tal.

O artista já ganhou dois reajustes salariais, o primeiro deles um dia após a previsão da bruxa, quando o Grêmio foi campeão estadual. Saltou de 10 000 para 20 000 reais e depois da passagem pela Seleção, numa espécie de salto triplo financeiro, chegou a casa dos 80 000. Para compensar a venda para o exterior, que não saiu, recebeu do Grêmio um "adiantamento" de aproximadamente um milhão de reais e virou, como o Ronaldinho original, "atleta da Nike". As coincidências não páram por aí. No dia 25 de abril, Ronaldinho Gaúcho recebeu uma visita ilustre em Porto Alegre. Passou quase o dia inteiro dando entrevistas para Suzana Werner, ex-primeira-dama do futebol mundial e apresentadora do programa Su-Real do canal SporTV. Suzana compartilhou com o garoto (e disse ter adorado) o arroz, feijão e bife preparados pela mãe Miguelita. E se despediu com dois beijinhos protocolares.

O gremista também se tornou menino dos olhos da Pepsi. A indústria de refrigerantes, além de usar a sua imagem em outdoors e anúncios, gravou em Porto Alegre um documentário sobre a vida e obra de Ronaldinho que será veiculado em 30 países. O plano é vender ao mundo o "novo" Ronaldo. Os valores dos contratos da Nike e da Pepsi são mantidos em sigilo. De certo, mesmo, só a previsão da bruxa e o destino de Midas de Ronaldinho. Só falta a ele chutar e a bola se tornar dourada.

Seus dribles não saem da memória dos gremistas, muito menos o gol que deu o título Mundial ao Grêmio em 1983. Só isso já é mais do que suficiente para Renato ter seu nome gravado na história do clube, mas ele ainda ajudou o tricolor a conquistar a Libertadores de 1983 e os estaduais de 85 e 86.

O puro-sangue

NINGUÉM NA HISTÓRIA GREMISTA CONSEGUIU COMBINAR FANTASIA A UMA REALIDADE VENCEDORA COMO RENATO PORTALUPPI

POR SÉRGIO XAVIER FILHO

Era uma diversão só. A torcida fazia questão de chegar ao Olímpico mais cedo para acompanhar a preliminar do time juvenil. Menos pelo jogo em si, mais pelo camisa 7. Renato Portaluppi parecia um quarto-de-milha entre os pôneis. Se fosse apenas habilidoso já sobressairia. Mas ele ainda tinha força e muita velocidade. A torcida gremista — que nunca gostou de frescuras, como dribles à toa — abria uma exceção a Renato. O ponteiro-direito driblava a defesa inteira, ficava na cara do gol e parecia se arrepender. Que graça teria marcar o gol ou cruzar simplesmente para o companheiro? Então ele dava uma guinada e driblava para o outro lado. Em algumas ocasiões, o gol saía. Em outras, não. A exigente torcida perdoava os excessos. Era por eles que chegava horas antes do time principal entrar em campo.

Não fazia, portanto, qualquer sentido manter Renato entre os garotos. Com 17 anos, em 1981, foi incorporado ao grupo principal. O abusado driblador não chegou a tempo de pegar uma boquinha na equipe campeã brasileira. E muitos duvidavam que Renato conseguisse uma vaga no time titular do Grêmio tão cedo. Parecia impossível sacar o ídolo Tarciso. Justamente Tarciso, um centroavante que encontrou-se na posição de ponta-direita e foi fundamental no título estadual de 1977, que quebrou um jejum de oito anos, e no Brasileiro de 1981. Pois a opção Renato compensava um sacrifício tático. Tarciso voltou a ser centroavante, Renato foi para a direita e a torcida tinha do que gargalhar. Como um Garrincha criado a galeto e polenta, Renato divertia e encantava. Atordoava também os dirigentes, técnicos e torcedores com seu jeito irresponsável de encarar a profissão de jogador. O gênio explosivo vinha da infância. Brigava em todas as peladas nas ruas de Bento Gonçalves, na Serra Gaúcha. Foi despedido da padaria porque chutava até a massa do pão. As confusões se sucediam como profissional da bola. No Campeonato Gaúcho, chegou a chutar um gandula que segurava demais da bola. Virou noite (e muitos copos) e quase morreu em um acidente de trânsito com o lateral Paulo César, companheiro de clube e de farra. Em campo, cometia as suas burradas. Foi expulso aos 27 minutos do primeiro tempo na final do Gauchão-82. Praticamente deu o título ao Inter. O gremista gostava de fantasia, desde que o show não custasse derrota para o rival.

Era preciso indenizar o torcedor. E Renato Portaluppi pelo menos canalizou parte da energia para o bem. Jogou uma ótima Libertadores em 1983, esbanjou raça, executou o cruzamento para César fazer o gol do título. A América era azul, só faltava terminar de tingir o planeta com a mesma cor. O Hamburgo era o adversário de Tóquio. Renato aproveitou-se da característica *panzer* do adversário para fazer um dos gols mais importantes da história tricolor. A vítima se chamava Schoroeder e, como um bom schroeder, marcava duro e estava preparado para não deixar Renato cruzar. Então o gremista ensaiou o cruzamento e cortou para trás. Quando o alemão deu por si, um novo drible já era executado e Renato estava chutando quase sem ângulo para marcar o gol do título. Gol do título? Bem, os alemães empataram no finalzinho e o jogo foi para a prorrogação. Renato precisava fazer tudo de novo. Agora o schroeder se chamava Jakobs. O ponteiro ameaçou chutar com a direita, puxou para a canhota e disparou para marcar o verdadeiro gol do título. Renato 2 x 1 Hamburgo. No fundo, o padeiro de Bento Gonçalves se comportou em Tóquio como naquelas preliminares do Olímpico. A naturalidade era tanta que Renato gritou com os companheiros durante a partida: "Olha aqui, turma, faz de conta que a gente está enfrentando o Aymoré".

Renato fuzila o goleiro do Hamburgo na final do Mundial de 1983: maior glória do Grêmio

Pelo que fez em Tóquio, Renato está para o Grêmio como Garrincha esteve para o bi do Brasil no Chile. Pode-se dizer que o zagueiro Aírton foi mais importante. Jogava tanto que o Grêmio topou trocá-lo por um estádio. Há quem prefira Eurico Lara, tem gente que não abre mão do bugre Alcindo ou do zagueiro De León, que suava sangue. Mas Renato foi o único que misturou fantasia a uma realidade vencedora. Anos depois, as torcidas de Flamengo, Cruzeiro, Botafogo e Fluminense experimentariam sensações semelhantes. Vibrar com alguém que joga como craque e luta como cabeça-de-bagre é a melhor recompensa possível.

Polêmico, falastrão e briguento, a imagem de Danrlei para o futebol nacional não é das melhores. Mas, para os gremistas, ele é a própria cara do tricolor gaúcho, clube que ele defende com raça, técnica e belas defesas. Sob o comando de Felipão, viveu seus melhores momentos em 1994, 95 e 96.

Danrlei: a ressurreição

O ESQUENTADO GREMISTA VOLTOU A FECHAR O GOL. MAS SABE QUE OS CRÍTICOS ESTÃO APENAS À ESPREITA

POR JOSÉ ALBERTO ANDRADE

"Não adianta vir agora com tapinhas nas costas. Tu querias que eu fosse barrado, fez campanha com o vice de futebol..."

Foi assim, aos berros e de dedo em riste, que o goleiro Danrlei deixou o gramado do Estádio Olímpico ao final do primeiro Gre-Nal deste ano, em 1° de abril. O resultado não justificava uma reação tão forte. O Grêmio havia aplicado 4 x 2 e dado um banho de bola no rival. Menos justificável era o xingamento ser contra um conselheiro do clube, que estava à beira do campo esperando os jogadores depois da vitória.

Em se tratando de Danrlei, porém, nada fica sem uma explicação. O conselheiro em questão representa uma verdadeira corrente que vê no multicampeão um personagem que há muito deveria estar longe do Olímpico. Esse grupo anda em baixa. Danrlei passa por uma fase como nos melhores tempos do time treinado por Luiz Felipe Scolari nos anos de 1994, 1995 e 1996.

Enquanto vem fechando o gol, ele mantém sua boca bem aberta para falar, mesmo sobre assuntos delicados e pessoais. No início da Copa do Brasil, ao saber que o time fora criticado pelo vice-

Danrlei já é a própria imagem do Grêmio: raça e talento

EDISON VARA

presidente de futebol José Otávio Germano, fulminou: "Quem tem que falar sobre o time é o treinador. Dirigente, administra." Rendeu um puxão de orelhas. Na seqüência foi a vez de comprar uma briga com o árbitro Carlos Eugênio Símon, acusando-o de garfar o Grêmio. A diretoria mais uma vez não gostou. Danrlei, porém, diz que jamais sofreu censura no clube e carrega, em suas próprias palavras, a fama de mascarado "devido à sinceridade".

"Vai cuidar do Palhinha!"

Com Símon, houve um desdobramento mais forte e capaz de fazer Danrlei abrir mais a boca, contando até suas fragilidades nos microfones. Terminado o jogo entre Grêmio e Pelotas, em Pelotas, – empate 1 x 1 –, Danrlei foi ao centro do campo e, relato dele, Símon teria dito: "Vai cuidar do Palhinha!"

O árbitro nega que tenha dito qualquer coisa, mas o fato é que o goleiro ficou enlouquecido e acusava o juiz de entrar numa questão pessoal muito grave. A citação a Palhinha remete à separação de Danrlei da mulher, Michelle, que hoje vive no Peru com o ex-meia de São Paulo, Cruzeiro e Grêmio. O goleiro admite que a separação, há dois anos, foi capaz de atrapalhar o rendimento em campo. Hoje, diz ter superado os traumas e até acha normal as torcidas adversárias fazerem referência ao caso com gritos de "Palhinha! Palhinha!" Para ele, "torcedor é assim, está no direito dele, mesmo quando é maldoso. Só não admito ouvir isso de alguém que tem obrigação de ser neutro, como um árbitro. Isso é que me deixou louco." A única coisa do antigo casamento que afeta visivelmente o goleiro é a distância da filha Raíssa, de 5 anos. "Eu não consigo vê-la, nem falar com ela por telefone. Sempre está dormindo ou dizem que não quer falar comigo. Na Justiça, nem estou pedindo a guarda, só quero o direito de me comunicar com minha filha." Seu último contato, de poucos minutos, conta, foi em dezembro.

"É bom trabalhar com Leão"

A boa fase de Danrlei tem um responsável que sai de campo quando começa o jogo. É Pedro Santilli, preparador de goleiros do Grêmio e da Seleção Brasileira. O jogador é o primeiro a elogiá-lo, dizendo que a orientação não é só técnica, mas também envolve uma postura profissional. Santilli salienta os pontos em que houve evolução técnica, como na saída de gol e na reposição da bola, fundamentos deficientes no passado. Também vê as chances de seu pupilo estar numa futura convocação da Seleção Brasileira: "Até pela minha convivência diária, vejo todas as possibilidades. Ele está no nível dos melhores do Brasil."

A esperança de Danrlei também decorre de ter trabalhado com Emerson Leão em um clima muito bom: "Leão é como um pai para mim." O técnico surpreendeu quando chegou ao Grêmio em 2000 e deu toda a força para Danrlei.

O goleiro é comedido ao falar de Seleção. É mais fácil ouvi-lo se dizer gremista. Não é para menos. Está prestes a completar 500 jogos com a camisa do clube, é titular desde 1993, foi campeão de praticamente tudo o que disputou.

Por que um goleiro assim não interessa a outros clubes? O goleiro reconheceu que deu margem a isso. "Tenho certeza de que minha agressão ao Válber *(meia do Palmeiras)* em 1995 colaborou. Me arrependo e sei que comprometi minha imagem quase definitivamente."

E Danrlei sabe que seus críticos podem estar apenas adormecidos enquanto a fase é boa. Em 1999, o comerciante Alceu, o Brasinha, montou uma barraca na porta do Estádio Olímpico. Era uma espécie de movimento. "Fora, Danrlei" e seu promotor só admitia desmontar o acampamento quando o Grêmio vendesse o jogador. A barraca hoje está sem uso.

> **"Eu não consigo vê-la, nem falar com ela por telefone. Sempre está dormindo ou dizem que não quer falar comigo"**
> DANRLEI, SOBRE O POUCO CONTATO COM SUA FILHA

O sentimento pelo clube (são 17 anos de Olímpico) é tanto que ele diz só cogitar defender o rival Internacional se for muito sacaneado. "Só se o Grêmio me mandar embora bem mandado e o Inter me fizer uma proposta daquelas que não existem de tão boas." Seu objetivo agora é quebrar o recorde de jogos pelo clube, algo que os próprios historiadores gremistas não sabem definir a quem pertence, mas que é uma marca acima dos 600. "Faltam mais de 100, mas vou chegar lá. Tenho contrato até 2004. Vou acabar com o nome no hino do clube, como o Lara (goleiro-mito das décadas de 20 e 30 e citado num dos versos do hino tricolor)." Em tom de brincadeira afirma sonhar até em fazer um gol. "Não quero nada importante, pode ser um pênalti num amistoso, quando já estiver uma goleada. Serei o primeiro goleiro a fazer gol pelo clube", diz, atento à história. ●

Polga deixou sua Santiago, interior do Rio Grande Sul, rumo a Porto Alegre em 1996. Aos 17 anos, chegou de mansinho no Olímpico e, com seu jeito quieto, foi conquistando seu espaço na equipe do Grêmio. Sob o comando de Tite, ganhou destaque como um dos melhores defensores do país.

Arrumou a casa

O SUCESSO NA COBERTURA DA ZAGA DO GRÊMIO ESTÁ FAZENDO ÂNDERSON POLGA SAIR DO ALOJAMENTO DO CLUBE PARA UMA COBERTURA EM PORTO ALEGRE

POR JOSÉ ALBERTO ANDRADE

Foram 15 dias entre a cirurgia de apendicite e a volta ao time, em pleno Gre-Nal. Mais do que uma fenomenal recuperação clínica e física, Ânderson Polga deixou claro que é peça importantíssima no decantado esquema coletivo comandado por Tite no Grêmio. Caso contrário, não haveria tanta necessidade, quase obsessão, de colocá-lo em campo no clássico do dia 6. Polga passou a ser aquele jogador de quem não se pode definir a posição — volante, líbero ou zagueiro? — e que, ao contrário de outros curingas, funciona bem em todas, criando uma dependência da equipe com seu futebol. Tanto quanto Tinga ou Zinho, ele está entre as peças-chaves da equipe. Só aparece menos.

Enquanto outros companheiros já foram lembrados ou pedidos na Seleção — há quase uma campanha de parte da mídia nacional por Zinho —, começa a se criar em Porto Alegre a idéia de que Ânderson Polga também merece uma chance. "Ele é o melhor terceiro zagueiro do Brasil", diz Zinho. Mauro Galvão, profundo conhecedor do setor e da função de líbero, acha que a versatilidade do companheiro o deixa no nível de Seleção: "O Polga lembra o Edmílson e acho os dois muito bons pela noção que têm na proteção, a versatilidade e a qualidade para começar as jogadas. Não sei se como líbero, mas o futuro é a Seleção."

Ânderson Corrêa Polga — para quem não sabe, pronuncia-se Pólga, com "o" aberto — sempre foi volante até a chegada de Tite no início deste ano. Interiorano de Santiago, na região das missões, despertou ainda jovem o interesse gremista. Destacou-se pelo Cruzeiro de sua cidade, time que organiza todos os anos um grande torneio internacional na categoria juvenil. Seu João Vilmar, o pai, torcedor colorado, preferia que o garoto tivesse ido para o Beira-Rio, mas hoje se declara tricolor em nome do filho, que tinha, e ainda tem, em Dunga e Dinho seus ídolos.

Em 1996, com 17 anos, Ânderson Polga saiu de sua Santiago para Porto Alegre. Com jeito quieto, instalou-se na Caverna, o alojamento para jogadores no Olímpico. Curiosamente, só depois de titular e campeão ele está trocando a morada por um apartamento de cobertura, mesmo assim próximo da Caverna. Só agora o dinheiro foi suficiente para tanto. "Não tinha por que sair do alojamento antes. Tinha casa, comida e ainda economizava para comprar um apartamento. Agora, já dá para trazer a família para uma visita." Até então, o dinheiro acumulado com salários e premiações só tinha sido gasto num automóvel Vectra. "Quero conforto, mas não preciso de luxo."

Para o treinador Tite, Ânderson Polga tem uma grande capacidade de "ler" o jogo e por isso sabe jogar bem na retaguarda. Quando o técnico elaborou seu esquema com três zagueiros, Polga foi retirado da função de volante para ser colocado como zagueiro pelo lado esquerdo. Rendeu muito bem e ficou por lá. Com a lesão de Mauro Galvão, no final da Copa do Brasil, Polga virou líbero e a resposta foi igualmente positiva. O jogador reconhece que gostou das novas funções: "Não tenho preferência, mas acho que hoje teria que me readaptar para jogar de volante com desenvoltura." Tite acha que o melhor desempenho do jogador é como zagueiro de combate, mas prevê um desenvolvimento do potencial como líbero que pode levá-lo à Seleção.

Hoje, Ânderson Polga é titular, e incontestável. Mas nem sempre foi assim. A torcida gremista foi implacável com ele e Eduardo Costa no ano passado. A vaia perseguia os jovens feitos em casa e que tentavam tapar os furos deixados por contratações milionárias e fracassadas, como a do volante argentino Astrada. "A torcida é impaciente em todo lugar. A gente tem que manter a tranqüilidade e foi o que eu fiz. As vitórias vieram e o grupo todo ganhou crédito."

Futuro é a Europa

Mesmo sendo peça defensiva, Polga é alternativa constante no ataque, especialmente nas bolas aéreas. Faz gols: um deles foi belíssimo, em julho, contra o River Plate, em pleno Monumental de Nuñez, num chute de fora da área. "É essa versatilidade que eu valorizo", diz Tite. Quando escalou Polga como líbero, o jogador foi pedir conselhos ao mestre que saía do time: Galvão. "Ele está muito bem. Pela característica, aposto que vai despertar o interesse dos europeus."

Com toda esta aprovação, o "guri" virou estrela na sua Santiago. Volta e meia visita os pais e convive com os amigos de infância e ex-companheiros do Riachuelo, clube da várzea no qual atuava. Até por isso, virou preocupação municipal quando foi anunciada a cirurgia de emergência para tratar do apêndice. Os amigos ficaram zelosos pelo estado de saúde e os companheiros gremistas rezando para que a recuperação acontecesse até o Gre-Nal. Aconteceu. Ele voltou, foi o melhor em campo, o Grêmio ganhou e, aos pontos da cirurgia, foram acrescidos mais três na tabela do Brasileiro. E outros tantos no coração dos torcedores.

"Não tenho preferência, mas acho que hoje teria que me readaptar para jogar de volante com desenvoltura"

ÉDISON VARA

PLACAR

O MUNDO DE ESPECIAIS PLACAR

Confira o vasto cardápio com todas as edições especiais publicadas em 2002 e o que ainda vem por aí...

COLEÇÃO COPA 2002

PLACAR NAS COPAS (ABRIL)
As reportagens de todos os jogos da Seleção Brasileira desde 1970 publicadas na PLACAR. **52 páginas, R$ 4,50.**

SELEÇÃO DO POVO (ABRIL)
Pesquisa revelando quem eram os preferidos da torcida e os perfis da Família Scolari. **52 páginas, R$ 4,90.**

GUIA DA COPA (MAIO)
O melhor guia com fichas e fotos dos 736 jogadores do Mundial de 2002. **148 páginas, R$ 6,80.**

O MELHOR DA COPA (JULHO)
A grande final, os 10 jogões, as 10 surpresas, as 10 decepções, as imagens mais incríveis, o tabelão completo. **114 páginas, R$ 6,90.**

PÓS-JOGO COPA 1, 2, 3, 4, 5 e 6 (JUNHO).
Seis especiais pós-jogos com fotos e textos das partidas do Brasil, perfis e tabelão da Copa. **36 páginas, R$ 3,90 cada.**

DVD A HISTÓRIA DO FUTEBOL 1, 2, 3 e 4 (JUNHO)
Quatro revistas com DVDs dos filmes oficiais da Fifa com os gols e melhores momentos das Copas de 30 a 98. **R$ 19,90 cada.**

O PENTA TAMBÉM É SEU (AGOSTO)
Livro do fotógrafo da PLACAR Ricardo Corrêa com as melhores imagens do Mundial 2002. **100 páginas, R$ 19,90.**

100 FOTOS DA SELEÇÃO (JULHO)
Especial de luxo com as 100 melhores fotos da Seleção Brasileira em todos os tempos. **100 páginas, R$ 9,90.**

PÔSTER BRASIL PENTA (JULHO)
O superpôster do Brasil, as fichas dos pentacampeões, autógrafos e a reportagem da final. **R$ 2,50.**

COLEÇÃO GUIAS E CAMPEÕES

EDIÇÃO DOS CAMPEÕES (JANEIRO)
Pôsteres de todos os campeões nacionais de 2001. Para guardar e colocar na parede.
48 páginas, R$ 4,50

PÔSTER CRUZEIRO SUL-MINAS (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor. **R$ 3,50.**

GUIA DO SEMESTRE (MARÇO)
Guia dos regionais, estaduais, Libertadores e Copa do Brasil com informações sobre os clubes participantes.
84 páginas, R$ 4,90.

PÔSTER CORINTHIANS RIO-SÃO PAULO (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor. **R$ 2,90 .**

100 FOTOS DO CORINTHIANS (MAIO)
Especial de luxo com as 100 melhores fotos do Corinthians em todos os tempos.
100 páginas, R$ 9,90.

PÔSTER BAHIA COPA DO NORDESTE (MAIO)
O superpôster do campeão, as fichas de todos os jogos e os destaques do time vencedor.
R$ 3,50.

COLEÇÃO 13 CLUBES

GRANDES PERFIS
Os melhores perfis publicados na PLACAR desde 1970 de Flamengo, Corinthians, Atlético-MG, Internacional, Vasco, São Paulo, Grêmio, Cruzeiro, Fluminense, Palmeiras, Bahia, Santos e Botafogo. Em 13 edições especialíssimas.
52 páginas, R$ 4,90, a partir de setembro.

E o que vem por aí...

COLEÇÃO BRASILEIRÃO 2002

GUIA DO BRASILEIRÃO
O melhor guia com fichas e fotos dos 486 jogadores do Brasileiro de 2002, curiosidades, tabelas e muito mais. **128 páginas, R$ 6,90. Já nas bancas**

A HISTÓRIA DO BRASILEIRÃO
Especial acompanhado de CD-ROM que traz as fichas completas dos 11 065 jogos do Campeonato de 1971 a 2001. **32 páginas, R$ 6,90. Já nas bancas.**

ALMANAQUE DO BRASILEIRÃO
Especial com mais de 100 perguntas sobre o Brasileiro, Tabelão de 2002, as imagens mais espetaculares, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em outubro.**

REVELAÇÕES DO BRASILEIRÃO
Especial com os destaques do campeonato, as fotos coma assinatura PLACAR, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em novembro.**

RETROSPECTIVA DO ANO
Especial com o que aconteceu de melhor no Brasileirão, Copa do Brasil, estaduais, Copa do Mundo e destaques do ano do futebol. Além do Tabelão do Brasileiro, Bola de Prata e Chuteira de Ouro. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas em dezembro.**

O MELHOR DO BRASILEIRÃO
Especial com os 10 jogões, as 10 surpresas, as 10 decepções, o Tabelão completo de todo o campeonato, o resultado final da Bola de Prata e da Chuteira de Ouro. Para as imagens mais espetaculares, Bola de Prata, Chuteira de Ouro e muito mais. **100 páginas, R$ 6,90, nas bancas no final de dezembro.**

VENDAS POR INTERNET

NO SITE WWW.PLACAR.COM.BR (LOJA PLACAR) É POSSÍVEL COMPRAR PACOTES DOS ESPECIAIS PUBLICADOS EM 2002

> Pacote Copa total:
Os seis especiais pós-jogo, o Melhor da Copa e o Pôster do campeão: de R$32,80 por R$19,90 mais frete.

*Para comprar algum revista específica basta pedir ao jornaleiro mais próximo

> Pacote 4 DVDs:
Os quatro especiais História das Copas com os vídeos oficiais dos Mundiais de 1930 a 1998: de R$79,60 por R$69,90 mais frete.

> Pacote Corinthians:
O Almanaque do Timão, o especial 100 fotos do Corinthians e o pôster do campeão da Copa do Brasil: de R$22,70 por R$14,90 mais frete